



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ABRAÃO VIEIRA DE CASTRO ARAÚJO

ENTRE O SENTIDO E O SILÊNCIO:
UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO FRANKL-WITTGENSTEIN

FORTALEZA

2023

ABRAÃO VIEIRA DE CASTRO ARAÚJO

ENTRE O SENTIDO E O SILÊNCIO:
UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO FRANKL-WITTGENSTEIN

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção de título
de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Olinda Braga

FORTALEZA

2023

ENTRE O SENTIDO E O SILÊNCIO:
UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO FRANKL-WITTGENSTEIN

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção de título
de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Olinda Braga

Aprovada em: / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Olinda Braga (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ivo Studart Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Me. Maressa Pinheiro Barros
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Jesus-Eucarístico por este trabalho enquanto realização de um sentido particular para mim. Ele que é o Deus silencioso que se deixa escutar sem palavras. Inacessível, mas que se abaixa às suas criaturas. Deus que se faz presente na simplicidade e no cotidiano, cuja Providência governa soberana todas as coisas.

À Virgem Maria, Mãe da Sabedoria, que nos ensina a “guardar e meditar todas as coisas no coração” (Lc 2,51).

Em particular, agradeço à minha mãe pelos inúmeros sacrifícios para que eu pudesse finalizar o curso de Psicologia, sobretudo, por seu amor e exemplo de vida.

À minha madrinha, que me auxiliou e inspirou nos estudos em Viktor Frankl, pela presença sempre disponível.

Ao meu professor-orientador, José Olinda Braga, pela disponibilidade e paciência nas muitas mudanças de percurso pelas quais este manuscrito passou, pela celeridade em se fazer presente e conduzir-me conforme necessário.

À minha querida amiga, Beatriz Apolônio, que se disponibilizou em traduzir para mim o resumo deste trabalho. Também sou grato a ela pelas demoradas partilhas sobre nossos *desertos de palavras e noites escuras* que bastante me inspiraram nesta monografia.

Agradeço a Felipe Castro, amigo muito caro, por nossas discussões sobre filosofia, sentido de vida e o místico, que também contribuíram fortemente em inspiração e ânimo para a escrita.

À Rafaela Oliveira, minha afilhada, por tantas vezes que me animava a perseverar quando demonstrava minhas inseguranças com a escrita deste e de outros trabalhos.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus colegas de curso - Ivoneide, Éder, Leandro, Débora, Daniel e tantos outros - que sempre se fizeram presentes e me animavam durante minhas inseguranças e medos ao longo do curso, pelos laços que permanecerão para além dos muros da universidade.

“Tu és oculto, mas vejo a Ti.
Tu és silencioso, mas escuto a Ti.
Tu és impassível mas vieste até mim para
buscar-me e apertar-me contra o teu Coração.
Aquele que possui a Ti no Sacramento do teu
Amor possui Tudo.
Porque estás aqui, não me falta nada.
Porque estás aqui, não tenho nada a temer.
Porque estás aqui, não preciso procurar-te.
(...)
Porque estás aqui, minha Fé possui a Ti, minha
esperança está ancorada em Ti, meu amor se
agarra em Teus braços e nunca mais se soltará
de Ti

RESUMO

O presente trabalho desenvolve questionamentos sobre o desvelar de sentido da vida sob a ótica da Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, principal referência deste manuscrito, em diálogo com a filosofia de Ludwig Wittgenstein, em particular, com suas considerações sobre o Inefável e o Sentido da Vida. Ambos os autores abordam a temática existencial do sentido, constituindo parte sensível de seus escritos e biografias. Os dois, em uníssono, apontam para a possibilidade de um sentido, de forma mais contundente, a partir da experiência de guerra. Frankl e Wittgenstein persistem nessa possibilidade mesmo diante da morte que rodeava seu cotidiano, seja como prisioneiro dos campos de concentração ou como combatente. Nesse extremo, a tomada de posição interior por um sentido se fazia sempre mais grave e necessária, o que se reflete em suas obras. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica da Análise Existencial e Logoterapia. O diálogo com Wittgenstein é colocado de forma especial a partir do *Tractatus Logicus Philosophicus* e dos *Cadernos 1914-1916*. Em última análise, a partir dos escritos e da biografia do psiquiatra e do filósofo é proposta a síntese de um *suprassentido* do cotidiano como proposta de uma decisão existencial para a realização de uma *vontade de sentido* do ser humano.

Palavras-chave: Análise Existencial; Logoterapia; Sentido da Vida; Tractatus Logicus Philosophicus; Inefável.

ABSTRACT

This academic work develops questions about the unveiling of the meaning of life from the perspective of Viktor Emil Frankl's Existential Analysis, which is the main reference of this manuscript, in dialog with Ludwig Wittgenstein's philosophy, particularly on his considerations about the ineffable and the meaning of life. Both authors address the existential point of meaning, which constitutes a significant part of their writings and biographies. They point to the possibility of finding meaning, in a fiercer way, after a war experience. Frankl and Wittgenstein persist in this possibility even in the face of the death that surrounded their lives, whether it was as a prisoner in a concentration camp or as a war fighter. In this extreme context, the interior decision for a meaning became graver and more necessary, what is reflected in their works. This present research was developed from a literature review surrounding Logotherapy and Existential Analysis. The dialog with Wittgenstein comes especially from his *Tractatus Logicus Philosophicus* and his *Notebooks 1914-1916*. Ultimately, from the psychiatrist's and the philosopher's writings and biographies is proposed a synthesis consisting of a *supermeaning* of the daily life as a proposition for an existential decision to fulfill a *will for meaning* pertaining to the human being.

Keywords: Existential Analysis; Logotherapy; Meaning of life; Tractatus Logicus Philosophicus; Ineffable.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	WITTGENSTEIN E O INEFÁVEL	11
2.1	O jovem Ludwig Wittgenstein	11
2.2	O Tractatus	12
2.3	Os limites da linguagem	14
2.4	Autofagia	16
3	FRANKL E O SENTIDO DA VIDA	18
3.1	Psicologia dos Campos de Concentração	18
3.1.1	<i>Choque psicológico da recepção no campo de concentração</i>	19
3.1.2	<i>A fase da apatia</i>	21
3.1.2.1	<i>Uma existência provisória</i>	22
3.1.2.2	<i>O ser que decide o que ele é</i>	23
3.1.3	<i>A fase da libertação</i>	24
3.1.3.1	<i>Culpa e responsabilidade</i>	26
3.2	O homem noético e a liberdade da vontade	27
3.3	O desvelamento de sentido	30
3.4	As três vias de sentido	33
3.4.1	<i>A via de sentido do trabalho</i>	33
3.4.2	<i>A via de sentido do amor</i>	35
3.4.3	<i>A via de sentido do sofrimento</i>	37
3.5	O Suprassentido	39
4	PARA ALÉM DA LINGUAGEM: POR UM SUPRASSENTIDO DO COTIDIANO	40
4.1	Retomada de discussão	40
4.2	O Suprassentido e o Inefável	42
4.3	O Suprassentido do cotidiano	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6	REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

“Que sei eu acerca de Deus e da finalidade da vida? Sei que este mundo existe (...) Que algo nele é problemático, a que chamamos seu sentido (...) Ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo, podemos chamar Deus.” (WITTGENSTEIN, 2004, p.108)

O problema do sentido da vida se coloca pela simples existência do ser humano enquanto uma existência ligada ao ético (noético), inclusive ao negar ou calar esta dimensão. Assim, a temática desta monografia se volta a esta clássica e contínua busca do ser humano.

Paralelamente, minha experiência particular - sobretudo ao colocar esta questão diante de Deus - se derrama através do silêncio. Quaisquer palavras são demasiadamente frágeis para carregar em si o peso das interrogações sobre a finalidade da vida humana, em último caso, também do mundo como um todo.

Certamente, caminha-se em um *deserto de palavras* ao debruçar-se sobre esta realidade. Entretanto, é, sem dúvida, possível viver aquilo sobre o qual não se é capaz de falar, ainda que sejam inevitáveis as tentativas frustradas de amarrar este sentido ao pensamento. Portanto, é necessário também aceitar a incapacidade de domar este instinto.

Ao longo do curso de Psicologia, houve uma natural aproximação com as ideias de Viktor Frankl. Somente ao final do curso tive um providencial contato com a primeira parte da filosofia de Wittgenstein com a qual facilmente me identificava. A chave para unir ambos autores nasce sobretudo de uma experiência pessoal com a oração silenciosa de *In Sinu Jesu*. Assim, houve uma identificação pessoal com as questões propostas por ambos autores que apontam, em conjunto, para uma vivência cotidiana do inefável.

Tendo em vista esta problemática, o diálogo proposto nestas páginas parte principalmente dos trabalhos de Viktor Emil Frankl, de sua Análise Existencial e da Logoterapia, com enfoque em um sentido derradeiro como proposição essencial de sua abordagem.

Para além disto, considera-se de grande proveito o debate com Ludwig Wittgenstein, proposto, de certa forma, por Viktor Frankl (2007, 2015) em suas considerações sobre Logoterapia e Religião ao citar tanto o *Tractatus* (1968) como seus *Cadernos* 1914-1916. Assim, este trabalho dirige-se a um desenvolvimento deste diálogo proposto pelo psiquiatra com o filósofo da linguagem sobre o sentido da vida.

Dadas estas considerações, realizou-se uma revisão bibliográfica na obra de Viktor Frankl, (*Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia* (1978); *Em busca de Sentido* (2006);

A presença ignorada de Deus (2007); *A vontade de Sentido* (2011); *Compêndio de Logoterapia e Análise Existencial* (2012a); *Psicologia e Psiquiatria do Campo de Concentração* (2012b); *Sobre o apoio medicamentoso da psicoterapia em caso de neuroses* (2012c); *O homem na busca por um sentido derradeiro* (2012d); *O sofrimento de uma vida sem sentido* (2015); *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial* (2016); *Sobre o sentido da Vida* (2022)). Quanto a Wittgenstein, é necessário um maior enfoque em sua primeira filosofia, relativa ao *Tractatus* e aos *Cadernos* 1914-1916, onde, de forma mais ampla, o autor debate sobre Deus, o sentido da vida e os limites da linguagem. De tal maneira, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo-exploratório, com fim a promover um diálogo entre as ideias de ambos autores.

Assim sendo, o primeiro capítulo deste trabalho se volta à sucinta explanação sobre as principais ideias presentes na primeira filosofia de Wittgenstein. Inicialmente, é necessário tomar as proposições iniciais do *Tractatus* (1968) sobre a linguagem e o mundo. O filósofo analítico considera a linguagem em sua função de descrever, figurar o mundo. A linguagem deve ser compreendida como figuração da realidade. Como consequência, a linguagem e, portanto, o pensamento se deparam com seus limites. Tudo o que pode ser dito ou pensado, pode sê-lo claramente, sob a condição de que a linguagem e o pensamento se articulem sob a forma lógica. Ao circunscrever os limites do pensar e da linguagem, é possível denotar aquilo que não pode ser dito ou pensado (WITTGENSTEIN, 1968, § 4.115-4.116, p.77). Os limites da linguagem somente podem se *mostrar*, estes não se submetem à descrição do mundo feita pela linguagem. Nos limites do mundo, encontramos o sentido da vida, ou ainda, *o místico, a vontade, o sujeito, o Altíssimo* e todas aquelas questões verdadeiramente humanas. (WITTGENSTEIN, 1968, p.53).

A seguir, tocam-se, de maneira sucinta, as principais referências do desenvolvimento deste trabalho: a Logoterapia e a Análise Existencial. Estas se voltam à problemática do mundo: seu sentido. Esta questão é posta pela própria realidade a Viktor Frankl nos campos de extermínio nazistas. Desvelar sentidos de vida, mesmo diante da morte e do sofrimento, é não somente uma vivência interior, mas é capaz de valer a própria sobrevivência no cativeiro alemão (FRANKL, 2006). A partir da própria vida e dos questionamentos pessoais de Frankl - sobretudo em seu *experimentum crucis* - emerge a Análise Existencial enquanto fundamentação teórica de uma escola psicoterápica: a Logoterapia.

A partir das ideias desenvolvidas pelo psiquiatra, o sentido da vida toma o aspecto de uma tensão interior que aponta para um futuro concreto a ser realizado pelo sujeito - essencialmente responsável e livre - pela via da criação e do trabalho, por meio de valores de

vivência, a arte ou o amor ou ainda em meio ao sofrimento. Para além de tudo isto o autor apresenta a ideia de um sentido derradeiro alcançável pelo ser humano: o *suprassentido*.

Estas ideias somente podem ser afirmadas por Frankl em vista de uma visão de homem própria da Análise Existencial e da Logoterapia. Esta proposição da Terceira Escola de Viena acentua o aspecto da liberdade e da responsabilidade do homem enquanto um ser nóetico que realiza valores em uma vida concreta, fática.

Por fim, o terceiro capítulo propõe uma síntese das ideias de Viktor Frankl e Ludwig Wittgenstein que se voltam para o problema do sentido da vida. Abordam-se os principais aspectos de ambos os autores neste debate de forma a buscar uma mútua instigação entre a Psicologia e a Filosofia.

2 WITTGENSTEIN E O INEFÁVEL

2.1 O jovem Ludwig Wittgenstein

Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena, Áustria, cresceu no contexto cultural da *Belle Époque* em uma família de Mecenas. Possuía grande apreço pelas ciências e pela arte, ingressando inicialmente no curso de engenharia aeronáutica na Universidade de Manchester, Berlim. Após a leitura da obra *The principles of mathematics* de Bertrand Russel, busca assistir as aulas do autor em Trinity College, passando a dedicar-se aos estudos filosóficos sobre lógica junto a Russell.

Intermitente, o jovem Wittgenstein possuía também questões éticas e morais que o inquietavam, de acordo com Janik e Toulmin (1998), suscitadas de forma especial pela própria sociedade em que estava inserido.

El esplendor y gloria sensuales y mundanos que aparecían en la superficie eran, a un nivel más profundo, idénticas cosas que la miseria. La estabilidad social, con su gusto por el boato y las menudencias, era expresión de un formalismo petrificado que apenas si resultaba capaz de enmascarar el caos cultural subyacente. Tras un examen más detenido advertimos que todas las glorias que aparecían en su superficie se tornan en sus contrarios; ésta es la verdad fundamental respecto a todos los aspectos de la vida de la Monarquía Dual. Estas mismas paradojas quedaban reflejadas tanto en la política como en las costumbres, tanto en la música como en la prensa, tanto en la aristocracia imperial como en los obreros. (JANIK E TOULMIN, 1998, p. 43-44)

Janik e Toulmin (1998), em *La Viena de Wittgenstein*, pontuam algumas influências que permeiam os questionamentos morais e existenciais do jovem Wittgenstein. Cabe citar, por exemplo, o dramaturgo Karl Kraus, que denunciava a decadência moral do povo austríaco, escondendo-se debaixo da capa da valorização das artes.

En manos de Kraus, la polémica y la sátira se volvieron armas con las que llevar a los hombres fuera de la superficialidad, la corrupción y lo deshumanizador que hay en el pensamiento y acción humanos, las armas con las que reintegrarlos al «origen» de todos los valores, y, por consiguiente, a cumplir, de un modo efectivo, una regeneración de la cultura en su conjunto. Sus aforismos taladraron la hipocresía que en la vieja Viena pasaba por moralidad, y las patrañas que pasaban por arte. En sus manos, el ingenio mordaz - en forma de polémica, sátira y aforismo- fue el instrumento de una educación cívica y cultural. Aunque puso en solfa a los políticos, su crítica de la sociedad nunca fue meramente política; para Kraus, a la esfera de la política sólo le incumbían problemas de superficie, en tanto que las raíces de la crisis contemporánea descansaban sobre una enfermedad del espíritu. (JANIK E TOULMIN, 1998, p.86-87)

Em meio às questões lógicas e morais, Wittgenstein busca o isolamento em Skjolden, na Noruega, a fim de verter ao papel aquilo que estava confinado em seus pensamentos e assim é dado início a escrita de sua única obra não publicada postumamente, o *Tractatus Logicus-Philosophicus*.

2.2 O Tractatus

Com a eclosão da guerra no continente europeu, Wittgenstein alista-se voluntariamente para o exército austríaco. Carregava consigo o desejo de experienciar o sentido da vida diante da morte que se lhe apresentava na guerra. Essa experiência também é lançada na própria escrita do *Tractatus*, bem como nas ideias presentes na obra sobre o sentido da vida e o inefável. “Existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico.” (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.522, p.129)

Pinto (1998) também destaca que o jovem soldado compreendia seu trabalho intelectual como algo sagrado, sendo ao mesmo tempo um dom, uma missão e uma oferenda, confirmando-se também pela gradual mudança de conteúdo da obra observada nos escritos pessoais de Wittgenstein.

Quanto à mudança de conteúdo, as anotações de Wittgenstein mostram que, no início, o trabalho intelectual se dirige à natureza da proposição, à lógica e à matemática. Aos poucos, graças à sofrida experiência da frente de batalha, ele se desloca para o problema da essência do mundo e para o místico. (PINTO, 1998, p. 128)

Como afirma o autor no prefácio de sua obra, o *Tractatus* intenta demonstrar que a maioria dos problemas filosóficos é gerada por uma má compreensão da linguagem. Assim sendo, ao delimitar aquilo que pode ser dito e, por consequência, o indizível - também nomeado como inefável ou místico - estarão resolvidos os problemas da filosofia, cuja função,

segundo Wittgenstein, é o esclarecimento lógico dos pensamentos (WITTGENSTEIN, 1998, § 4.111, p.76).

A filosofia desenvolvida no Tractatus concede à linguagem uma função meramente descritiva da realidade. A função da linguagem como descrição do mundo é esclarecida através da Teoria Figurativa - conhecida também como Teoria Pictórica - consoante a qual as proposições dotadas de sentido são figurações, representações dos fatos a que se referem.

Essa afirmação traz por consequência a necessidade de que exista algo em comum entre a figuração e aquilo que é figurado, para que um possa ser um modelo do outro (WITTGENSTEIN, 1968, § 2.161, p.60). A partir dessa premissa, o autor aponta que a possibilidade de projeção, figuração entre linguagem e realidade se dá por meio da forma lógica. Em outras palavras, a configuração lógica da linguagem permite que esta seja um modelo da realidade. Essa relação é semelhante à relação entre uma maquete de uma construção - proposição dotada de sentido - e a construção em si mesma: a realidade, o fato.

Dessa maneira, Ludwig Wittgenstein estabelece um paralelismo entre as proposições e a realidade. Compreende-se neste ponto, a proposição como uma figuração de um estado de coisas possível a partir da configuração lógica dos nomes da sentença. O conjunto das proposições possíveis é a linguagem (WITTGENSTEIN, 1968, § 4.001, p.70). Estas proposições figuram estados de coisas, que por sua vez compõem-se da configuração de objetos simples, as coisas. Nos estados de coisas, os objetos ligam-se como os elos de uma cadeia (WITTGENSTEIN, 1968, § 2.03, p.58). Os estados de coisas, ao subsistir, correspondem aos fatos. (WITTGENSTEIN, 1968, § 2). O conjunto dos fatos é o mundo (WITTGENSTEIN, 1968, § 1.1). O conjunto de todas as proposições verdadeiras correspondem à ciência (WITTGENSTEIN, 1968, § 4.11).

Ao explicar essas relações entre as proposições da linguagem e a realidade - de acordo com o autor, esta seria a subsistência e a não subsistência dos estados de coisas (WITTGENSTEIN, 1968, § 2.06) - o papel descritivo da linguagem é patente. Esta deve ser perfeitamente capaz de descrever o mundo e possuir clareza de pensamento, tudo que está para além da linguagem está fadado ao contrassenso e ao território do inefável. “(...) em geral o que pode ser dito, o pode ser claramente, mas o que não se pode falar deve-se calar.” (WITTGENSTEIN, 1968, p.53)

2.3 Os limites da linguagem

Estabelecidas as relações entre a linguagem e a realidade - correspondente a todos os estados de coisas possíveis - afirma-se o caráter figurativo e descritivo da realidade. Por outro lado, é pertinente olhar para um vácuo deixado pela compreensão da linguagem no pensamento do autor vienense. Ao afirmar a resolução dos problemas da filosofia - que consistem em uma má compreensão da linguagem - pouco se obtém, dado que os verdadeiros problemas humanos estão no domínio daquilo que é indizível.

Sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados. Sem dúvida, não cabe mais pergunta alguma, e esta é precisamente a resposta (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.52, p. 128)

Diante disso, o autor afirma a existência e a importância deste domínio - os problemas humanos, além dos fatos do mundo (WITTGENSTEIN, 1968, 2004). Contudo, impõe que ele não se permita exprimir pela proposição. Diante daquilo que não se pode falar, a linguagem incorre necessariamente em contra-senso - visto que não é possível uma relação descritiva e figurativa da realidade factual - por consequência, quaisquer possíveis proposições éticas não são passíveis de sentido na linguagem.

Toda minha tendência - e creio que a de todos aqueles que tentaram alguma vez escrever ou falar de Ética ou Religião - é correr contra os limites da linguagem. Esta corrida contra as paredes de nossa jaula é perfeita e absolutamente desesperançada. A Ética, na medida em que brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência. O que ela diz nada acrescenta, em nenhum sentido, ao nosso conhecimento, mas é um testemunho de uma tendência do espírito humano que eu pessoalmente não posso senão respeitar profundamente e que por nada neste mundo ridicularizaria. (WITTGENSTEIN, 1995, p.5)

Dito isto, segue-se que não é possível dizer nada sobre a ética ou o sentido da vida a partir da linguagem. Entretanto, Pinto (1998) cita uma carta de Wittgenstein a Engelmann na qual afirma "O inexprimível está contido - de maneira inexprimível - no que é dito" (p.252). É possível compreender que, mesmo a partir de contra-sensos, algo daquilo que é inexprimível se mostra a partir da linguagem. "Ela perpassa todo o nosso discurso, está nele contida, mas, mesmo assim, não pode ser colocada em palavras" (PINTO, 1998, p.252).

O autor de *Iniciação ao Silêncio* (1998) propõe uma analogia, ainda que grosseira, à experiência do indizível - sendo esta uma experiência ética - em Wittgenstein. Margutti Pinto compara a relação entre o mundo e o sujeito - enquanto aquele que busca o bom, o ético, o

sentido último da vida - a duas retas ortogonais, a reta horizontal corresponde ao mundo, a reta vertical corresponde ao sujeito transcendental ao contemplar a essência do mundo - experiência daquilo que se mostra.

Ao observar apenas o domínio dos fatos, o homem nada mais é que um ser submetido às circunstâncias do mundo - compreendido como conjunto dos fatos. Por outro lado, enquanto pertence à reta vertical, o homem é capaz de se elevar atemporalmente dos fatos, intuindo a essência do mundo - portanto, intuindo a ética, o sentido da vida, a Deus, enfim o místico. Wittgenstein (1968, § 6.4321, p.128), desta forma, propõe os fatos apenas como parte dos problemas éticos. A resolução desta problemática se dá fora do mundo - também fora do tempo, há uma experiência de eternidade sob uma atemporalidade -, ao contemplar a essência dos fatos, seu sentido e significado últimos.

Originariamente sujeito transcendental, a vontade tem a obrigação ética de levantar o véu representado pela prisão espaço-temporal do mundo dos fatos para intuir, no âmago desse mesmo mundo, a essência imutável e eterna de toda a realidade. A intuição mística se dá no ponto de interseção das duas retas, onde a lógica, entendida como a componente objetiva das condições transcendentais de possibilidade da realidade (linha horizontal), se funde com a ética (ou estética), entendida como a contraparte subjetiva dessas condições transcendentais. (PINTO, 1998, p.244)

Ao final disso, Wittgenstein afirma que a experiência ética, especialmente o desvelamento do sentido da vida, modifica os limites do mundo. O desvelamento deste sentido “deve, por assim dizer, crescer ou diminuir como um todo. O mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes” (WITTGENSTEIN 1968, § 6.43, p. 127)

Essa concepção Tractatiana talvez seja mais bem compreendida a partir de um diálogo com a experiência de Victor Frankl nos campos de concentração alemães. O psiquiatra ao observar o “mundo” dos campos de concentração constata que os prisioneiros que não encontravam em meio ao sofrimento uma vivência de sentido, seja a partir de uma vivência digna do sofrimento ou de uma realização futura, eram mais suscetíveis a doenças físicas ou psíquicas, chegando até mesmo a “ir para o fio” - expressão utilizada para aqueles que propositalmente se suicidavam tocando os fios eletrificados dos campos de concentração -, a falta de um desvelamento ético limitava seu mundo interior, em verdade, a vontade não é capaz de alterar o mundo dos fatos (WITTGENSTEIN, 1968, 2004) , mas, de algum modo, o vislumbre de sentido pode alterar seus limites.

Essa afirmação se confirma, nesse mesmo contexto, por meio da observação de pessoas que, mesmo diante dos fatos dos campos alemães, ao intuir esse sentido, eram capazes de alargar os limites do mundo. O mesmo autor de “Em busca de Sentido” vivenciava essa alteração dos limites dos fatos que o rodeavam, ao dirigir-se interiormente a um futuro que tencionava realizar, ao auxiliar outros prisioneiros ou ao fazer memória de sua esposa em meio aos trabalhos sobre-humanos da prisão. (FRANKL, 2006).

Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa no campo de concentração de forma, sem dúvida, dolorosa; esta, não obstante, ter para elas efeitos menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Esta é a única explicação para o paradoxo de às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta. (FRANKL, 2006, p.29)

A partir desses exemplos, clarifica-se a proposição – contrassenso – anterior de Wittgenstein a respeito da intuição ética sobre o sentido da vida e a ampliação ou redução dos limites do mundo. Pode-se afirmar que a vontade do sujeito não pode alterar os fatos, mas é capaz de alterar os limites do mundo, que, em última análise, se identifica com o sujeito, colocado entre a lógica e a ética. Estas, por sua vez, são condições transcendentais do mundo (WITTGENSTEIN, 1968). Os fatos estão sob a lógica. Os “problemas humanos” residem sob a ética, o inefável ou místico.

2.4 Autofagia

Após considerar brevemente as principais ideias de Wittgenstein sobre o mundo, a linguagem e os seus limites há uma contradição. O filósofo aponta para o caráter inexprimível das condições de possibilidade da linguagem enquanto, concomitantemente, se afirmam diversas proposições sobre estas mesmas ao longo do *Tractatus*.

Dito isto, toda a argumentação do autor destrói-se por si mesma, é autofágica (PINTO, 1998). A linha argumentativa tractatiana realiza a tentativa autodestrutiva de descrever as condições de possibilidade da linguagem do interior de si própria. A proposição não pode representar aquilo que deve ter em comum com a realidade para figurá-la - a forma lógica. A lógica está para além do mundo, é condição de possibilidade deste. Para descrever a lógica seria necessário colocar-se fora da própria lógica, tal como o olho não pode estar em

seu campo visual, mas no limite deste (WITTGENSTEIN, 1968, § 4.12, § 5.633, § 6.13; 2004, p. 108).

Contudo, os problemas do homem e da filosofia se colocam por meio da linguagem. Os problemas filosóficos nascem de um mal uso da linguagem, a crítica da linguagem é, portanto, necessária. (PINTO, 1998; WITTGENSTEIN, 1968). Sem embargo, a crítica da linguagem a partir da própria linguagem é necessariamente concluída em contra-senso. A proposição, ao trazer em si a própria estrutura daquilo que pretende dizer, é relegada, de certa maneira, a uma *petitio principii* (PINTO, 1998). As proposições tractatianas refutam-se a si mesmas.

Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende, por fim, as reconhecerá como absurdas, quando graças a elas - e por elas - tiver escalado para além delas. (É preciso por assim dizer jogar fora a escada depois que tiver subido por ela.) Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente. O que não se pode falar, deve-se calar (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.54-7, p.129)

Assim, os contra-sensos do *Tractatus* não devem ser considerados sob uma lógica de argumentação, mas de clarificação ética. O objetivo da filosofia desenvolvida pelo autor é um objetivo ético que se alcança pelo silêncio, este se sobrepõe em importância àquilo que está escrito.

A resolução da problemática autofágica da obra se faz pela diferenciação entre dizer e mostrar (PINTO, 1998). Os contra-sensos não são capazes de dizer sobre a lógica e a ética - condições de possibilidade do mundo - mas são perpassados por ambas.

(...) depois de inúmeras tentativas fracassadas de descrever a essência da linguagem e do mundo, o leitor finalmente se dá conta de que todo o discurso da crítica da linguagem é contra-senso, de tal forma que qualquer tentativa de fazer as descrições pretendidas deve ser descartada. Sem as tentativas fracassadas, porém, não seria possível atingir a clarificação buscada (PINTO, 1998, p.351)

A tentativa autodestrutiva do *Tractatus*, deve, por fim, desembocar em uma experiência ética. A crítica lógico-ética de sua filosofia encontra uma resposta concreta em sua vida no campo de batalha (MONK, 1995; PINTO, 1998).

Diversos autores afirmam a influência de Schopenhauer sobre a atitude do jovem filósofo em alistar-se como voluntário no exército austríaco (MONK, 1995; JANIK E TOULMIN, 1998; PINTO, 1998; OLIVEIRA 2009) sob a ideia de que o sentido último da vida poderia ser contemplado diante da possibilidade da morte. Existe uma coerência formidável entre sua filosofia e sua vivência durante a guerra.

Em meio ao campo de batalha, Wittgenstein toma o *Breve exposição do Evangelho*, de Tolstói, que o valeu a alcunha de “o homem com os evangelhos” entre seus companheiros no campo de batalha. Este, influenciara fortemente a concepção ética do *Tractatus*. Tolstói propõe a compreensão do Cristianismo antes como uma forma de vida que uma doutrina religiosa. Sob esse prisma, Wittgenstein compreende o Cristianismo como uma forma de agir que dá sentido à vida. Este sentido da vida - que, na filosofia de Wittgenstein, se identifica com o místico, inefável, ou ainda, Deus - se dá em viver de forma amorosa o momento presente. Abrir-se ao sentido da vida implica em uma abertura ao outro.

“(…) As ideias a respeito do amor entre as pessoas e do ajudar ao máximo os outros é visto também numa conversa que Wittgenstein teve com Drury. Ele diz a este: “É de minha crença que somente se alguém trata de ser útil aos demais poderá encontrar finalmente o caminho até Deus”. Ser útil ao outro é viver no amor, numa vida desprovida de bens materiais, dando sentido a ela” (SPICA 2010, p. 124).

Assim, os limites da linguagem tractatianos apontam de maneira silenciosa para a própria experiência de Wittgenstein e o sentido da vida. O sentido da vida é inefável e não se permite dizer pelas palavras, mas deve ser contemplado no presente como *sub specie aeternitatis* por meio de uma tomada de posição do sujeito ante o mundo - vontade (WITTGENSTEIN, 2004). Assim, a partir da superação das cadeias da linguagem, o autor propõe em sua filosofia e sua vida a contemplação amorosa e silenciosa do sentido da vida - que se identifica com o Divino, o místico, o indizível - na própria realidade. Enfim, “o mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes” (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.43, p.127; 2004, p.115)

3 FRANKL E O SENTIDO DA VIDA

3.1 Psicologia dos Campos de Concentração.

A Logoterapia e a Análise Existencial, componentes teóricos da terceira escola de psicoterapia de Viena, foram desenvolvidas pelo neuropsiquiatra Viktor Emil Frankl durante o Século XX. Compreende-se a Logoterapia e Análise Existencial como pilares de uma única teoria. A Logoterapia identifica-se com um método psicoterapêutico que é baseado na Análise Existencial, esta, por sua vez, representa uma vertente antropológica de pesquisa aberta à cooperação com outras correntes de estudo e para desenvolvimento de novos estudos e compreensões em sua temática (FRANKL, 2012a).

O desenvolvimento de uma teoria Existencial e Logoterapêutica se dava desde os primeiros anos da trajetória acadêmica de Viktor Frankl. O sentido da vida e as teorias psicoterapêuticas são questões centrais para o autor desde seu ingresso na Universidade de

Viena no ano 1924, formando-se em 1930. No ano de 1927, em meio a uma epidemia de suicídios entre os jovens de Viena, Frankl constata a necessidade da criação de centros de atendimento voltados ao combate dos casos de suicídio. Após um ano de atividades desses centros de atendimento, não foram mais constatados casos de suicídios na população jovem, fato que perdurou por alguns anos (RODRIGUES E BARROS, 2009).

A experiência dos centros de atendimento ao suicídio e os contatos de Frankl com grandes nomes da psicoterapia - entre os quais cabe citar Freud, Adler, Allers e Schwartz - lhe propiciaram um acúmulo de ideias e vivências que contribuíram significativamente para o amadurecimento das ideias do jovem psiquiatra no desenvolvimento da Logoterapia e da Análise Existencial.

Entretanto, a base sobre a qual firmou definitivamente sua teoria é proveniente de suas experiências nos campos de concentração nazistas - nas palavras do autor, *experimentum crucis*. A partir de suas experiências nos campos de Auschwitz, Kaufering, Theresienstadt e Türkheim, Frankl é capaz de demonstrar suas ideias sobre o Sentido da Vida e o Ser Humano. Ao vivenciar seu *experimentum crucis* como refém, pôde, posteriormente, contemplá-lo como psiquiatra e pesquisador elaborando uma teoria sobre a Psicologia e Psiquiatria do Campo de Concentração.

O fundador da Terceira Escola de Viena destaca alguns aspectos que afetam a vida psíquica dos prisioneiros dos campos de concentração, sendo gradualmente afetados por diversos fatores ao longo da sua permanência naqueles ambientes.

Frankl divide as reações psíquicas dos cativos em três fases: 1. choque ao serem recebidos no campo de concentração, 2. alterações de caráter em meio à permanência no ambiente, voltadas unicamente à sobrevivência, 3. a fase da despedida. (FRANKL, 2012b).

3.1.1 - Choque psicológico da recepção no campo de concentração

Há nos relatos de Frankl (2006, 2012b, 2022) sobre a primeira fase psicológica do prisioneiro em campos de concentração o sentimento de uma total desorientação, perfeitamente natural, dos prisioneiros no momento de acolhida no ambiente. Não há segurança de futuro, se desconhece o que acontecerá nos momentos seguintes. Frankl faz referência a Cohen, um psicanalista, que também relata sua experiência na recepção do campo de concentração:

“Por fim, continua Cohen, teve lugar um trauma psíquico dos mais intensos: logo que os recém-chegados experimentaram o fato de que havia câmaras de gás no

campo de concentração. A ideia da morte por gás, gerou, em verdade, uma reação de horror, e essa reação, segundo sua experiência, irrompeu de maneira bastante intensa junto àqueles que precisaram escutar que suas mulheres e filhos tinham sido assassinados. (...) A resposta a isso, diz Cohen, não podia consistir em outra coisa senão em uma reação aguda de horror, e ele mesmo não foi poupado dessa reação ao chegar em Auschwitz” (COHEN, 1954, apud FRANKL, 2012b, p. 195).

Após a primeira seleção dos prisioneiros, segue-se o banho de desinfecção, os soldados trazem cobertas aos prisioneiros onde devem colocar quaisquer objetos de valor que possuam. Ordenam-lhes que retirem também suas vestes por completo, a cabeça de cada prisioneiro é raspada, neste momento, resta a cada uma dessas pessoas somente sua existência, nenhuma posse para além desta é permitida. Em seus escritos, Frankl relata sobre esse momento: “Faço aquilo que representa o ápice de toda essa primeira fase de reações psicológicas: dou por encerrada toda minha vida até ali” (2006, p.24)

Entre as primeiras reações psicológicas, também tem seu lugar um espírito de curiosidade fria e objetiva. Essa curiosidade é marcada por um distanciamento do mundo dentro do campo de concentração, como se buscasse uma forma de se preservar diante da realidade do campo de concentração. Os questionamentos tecidos por essa curiosidade abrangem os aspectos mais triviais do ambiente, visando compreender o que se dará em seguida e quais serão as consequências. Por exemplo, o que aconteceria no caso de ser exposto ao frio de outono completamente nu ao ar livre, sem alimentação devida. (FRANKL, 2006). Aos poucos, a curiosidade cede lugar às surpresas - não necessariamente agradáveis - do campo de concentração.

“Outras coisas surpreendentes que se consegue fazer: passar meses ou anos no campo de concentração sem escovar os dentes, e, mesmo assim, ter uma gengiva em estado melhor que em épocas de alimentação mais sadia, apesar da considerável deficiência de vitaminas. (...) não poder lavar-se de forma alguma durante dias, nem parcialmente, por estar congelada a água nos canos do lavatório; não ficar com pus nas mãos feridas e sujas de trabalhar na terra (...) Uma pessoa de sono leve, que costumava acordar com o menor ruído no quarto ao lado, aperta-se agora contra um companheiro que ronca a plenos pulmões a poucos centímetros do seu ouvido e consegue cair em sono profundo logo depois de deitar” (FRANKL 2006, p.27)

Em meio a tais condições, é natural imaginar que quase a totalidade dos prisioneiros tenha, em algum momento, cogitado a possibilidade do suicídio. Usualmente, o método mais corriqueiro de fazê-lo era lançar-se contra a grade do campo de concentração, que era conectada a uma corrente de alta tensão - entre os prisioneiros, era comum a expressão “ir para o fio”, referindo-se a esse método. (FRANKL 2006, 2012b, 2022)

Não é incomum presumir que houvesse uma elevada taxa de suicídios entre os prisioneiros. Entretanto, se verifica algo diverso, visto que a possibilidade da morte pela

câmara de gás, subnutrição, doenças ou acidentes durante o trabalho forçado é sempre iminente. O suicídio simplesmente se perde de seu objetivo dada a contínua possibilidade da morte. “Nem é preciso desejar o “fio”, uma vez que se tem que temer o gás; mas o gás nem é preciso temer, uma vez que já se havia desejado o fio” (FRANKL 2022, p.105). Essa proximidade constante da morte traz consigo o sentimento de indiferença e apatia para consigo, para com o ambiente e para com os outros. Aos poucos, se dão as mudanças de caráter que caracterizam a segunda fase da psicologia dos prisioneiros dos campos de concentração: a fase da apatia (FRANKL, 2022, p. 107).

3.1.2 - A fase da apatia

A vivência no campo de concentração coage a alma - refiro-me à dimensão propriamente humana, na Análise Existencial, chamada espiritual ou noética - a retrair-se gradualmente. O prisioneiro é cerceado não somente pelo ambiente e pela morte, mas também há a experiência de uma morte interior. Essa mortificação interior é uma defesa contra o ambiente, o homem natural - refiro-me aqui somente à sua dimensão biológica e psíquica - volta-se exclusivamente à sobrevivência, quaisquer sentimentos desviados desse objetivo são desnecessários e, paulatinamente, extintos.

“A mortificação dos sentimentos normais continua avançando. No começo, o prisioneiro desvia o olhar ao ser convocado, por exemplo, para assistir aos exercícios impostos a algum grupo como punição. Por enquanto ele não consegue suportar a cena de pessoas sendo sadicamente torturadas, vendo companheiros subindo e baixando horas a fio na sujeira, ao ritmo ditado a porrete. Passados alguns dias ou semanas, contudo, ele já reage de forma diferente (...) O recluso observador, em pleno segundo estágio de suas reações psíquicas, não mais tenta ignorar a cena. Indiferente e já insensível, pode ficar observando sem se perturbar.” (FRANKL, 2006, p.30)

A despeito de toda apatia provocada pelo contexto do ambiente, preservam-se ainda alguns interesses e sentimentos, obviamente, dirigidos à sobrevivência ou resguardados na dimensão espiritual - noética - do prisioneiro.

Uma dessas reações que entram em cena ao lado da apatia e da indiferença é a irritabilidade própria dos prisioneiros em campos de concentração. O psiquiatra de Viena analisa que a apatia, em medida significativa, pode ser compreendida pelas condições de subnutrição às quais estes homens eram expostos continuamente. Por outro lado, as precárias condições de sono, influenciam fortemente a propensão à irritabilidade e agressividade dos prisioneiros. Ademais, a abstinência de substâncias comuns à vida cotidiana moderna -

caféina e nicotina, por exemplo - atuam como fator agravante destas condições. (FRANKL 2012b).

Nestas condições, relata-se o fenômeno de uma “regressão” psicológica. A vida psíquica e biológica volta-se próxima ao instinto primário da sobrevivência. A partir disso, não surpreende a constatação de que o principal interesse dos prisioneiros se remete a um tema específico: alimentação. A preocupação e o interesse se voltam primordialmente à comida, os cativos do campo de concentração relatam uns aos outros sobre seus pratos favoritos, costumeiramente trocam receitas entre si, prometem convidar seus companheiros para um banquete de reencontro quando, talvez, se vejam novamente livres. (FRANKL, 2006). Esta forte inclinação para temáticas voltadas a satisfação de desejos meramente ligados à subsistência é também observável nos sonhos dos detentos, conforme relata o autor (FRANKL, 2022, p.104):

“De fato, era possível observar já nos sonhos típicos dos prisioneiros, a que desejos primitivos eles estavam entregues interiormente. Pois, com o que sonhavam no campo de concentração? Repetidamente, com a mesma coisa: pão, cigarros, um bom café - e, não por último, com um bom banho quente. (E eu pessoalmente sonhava, repetidas vezes, com um tipo de bolo bem específico)”

3.1.2.1 - *Uma existência provisória*

Em uma abordagem para além da preponderância de instintos meramente subsistenciais, um dos maiores impactos destacados por Frankl na vida interior dos detentos é a existência provisória vivenciada no campo de concentração. (FRANKL 2012b). Subsistir no campo de concentração traz consigo uma insegurança existencial, é, em verdade, uma existência provisória, sem data, sem forma definida para seu término. Os boatos sobre as últimas notícias do confronto de escalas mundiais correm no campo de concentração, sejam falsos ou verdadeiros, consoladores ou desoladores, acumulam no interior dos cativos a sensação de insegurança. O término de suas existências naquele lugar é certo, mas não é possível ainda afirmar se haverá de ser pela câmara de gás, pela doença, pelo desgaste extremo do trabalho ou pela queda do III Reich. “A indeterminação do momento da libertação gera no prisioneiro do campo de concentração o sentimento de uma duração ilimitada, porque não demarcável” (FRANKL, 2012b, p. 205).

A insegurança cruel e absoluta sobre o futuro dentro do confinamento nos campos nazistas força uma queda espiritual - noética - do ser humano. Ao perder um suporte interior que aponta para o futuro ou para a eternidade, - no caso específico de pessoas

verdadeiramente religiosas, conforme FRANKL (2022, p.111) - o sujeito desmorona interiormente, não há nada que lhe tencione a seguir adiante.

“Um dos prisioneiros contou-me que, ao marchar numa longa coluna de reclusos recém-chegados (...) teve o sentimento de estar andando “atrás de seu próprio cadáver”. Tal a intensidade com que ele experimentou naquela ocasião a sua absoluta falta de futuro, o qual o obrigou a encarar toda sua vida exclusivamente sob a perspectiva do passado, como algo passado, como de um morto” (FRANKL, 2006, p. 71)

Essa distensão interior causada pela ausência de um ponto de sustentação noético no futuro, inclina o ser humano a recordar com saudosismo o passado e desprezar a realidade concreta vivenciada no momento presente. Por consequência dessa visão escurecida diante da concretude do presente, as possibilidades de realização de valores - no trabalho, no amor e no sofrimento - não lhe parecem possíveis, o homem espiritual cai no vazio existencial, marcado exatamente por essa distensão interior, pelo sentimento de tédio. (FRANKL, 2015)

3.1.2.2 - O ser que decide o que ele é

Constatadas fases do perfil psicológico entre os prisioneiros dos campos de concentração, é tentador afirmar que o ser humano é, em última análise, produto do ambiente e de seus instintos. Contudo, existem aqueles que foram capazes de desafiar estas condições exteriores e interiores, realizando aqueles valores mais profundos ou adormecidos em sua consciência. Questiona-se: “O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre *decide* o que ele é” (FRANKL, 2006, p. 84).

Para encontrar e realizar seu sentido de vida o ser humano deve ser essencialmente livre, liberdade tal que não é cativa sequer no campo de concentração. Não é possível, de fato, ignorar uma longa série de fatores biológicos, ambientais e sociais aos quais os prisioneiros estavam submetidos nos campos de extermínio. Entretanto, é também factível que estes mesmos prisioneiros conservavam sua liberdade de escolha diante das situações concretas que lhe eram apresentadas, mesmo contra todos os estímulos exteriores, alguns poucos homens foram capazes de sustentar uma atitude interior, ou mesmo exterior, ante essa mesma realidade. *Agere contra!*

“Havia sempre, uma vez mais, aqueles que conseguiam suprimir sua irritabilidade e superar sua apatia. Esses eram aqueles homens que atravessavam as barracas do campo de concentração, que se colocavam nos postos de chamada e que mantinham em um caso, uma palavra de consolo, e, no outro, um último pedaço de pão.” (FRANKL, 2012b, p. 209)

De todo modo, o agir concreto e sua postura existencial diante do vazio existencial e da cercania da morte pela câmara de gás, pela tortura e tantas outras mortes temíveis existentes no campo de concentração comprova a extrema liberdade da vontade humana, mesmo sob condições das mais ameaçadoras. Ao afirmar isso, a Análise Existencial de Frankl se firma sobretudo nessas atitudes palpáveis, testemunhadas no campo de concentração.

Existiam aqueles que se firmavam interiormente na expectativa de terminar trabalhos inacabados de sua vida - realização de valores criativos -, outros se firmavam no desejo futuro, por exemplo, de retornar aos seus familiares - o encontro humano e o amor, valores vivenciais - ou ainda, diante de sua consciência, diante de pessoas a quem considera, ou diante de Deus, se sustentam interiormente, temendo, como Dostoiévski (apud FRANKL, 2006, p. 67) afirmou certa vez: "Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento".

Quando mais nada lhes restava a esperar enquanto realização exterior, estes últimos buscavam ainda portar-se de modo digno diante da situação que lhes rodeava - realização de valores de atitude -, por responsabilidade diante daqueles a quem suas consciências lhes apontavam - diante de Deus, diante de si mesmo ou do outro. Por fim, podemos retornar à primeira questão deste tópico. Que é o homem? "É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios (FRANKL, 2006, p.84)

3.1.3 - A fase da libertação

A libertação dos detentos dos campos de extermínio ocorreu repentinamente, com a vitória dos aliados sobre Berlim, os prisioneiros são liberados subitamente. Toda a tensão psicológica sobre os cativos é distendida em um lapso, num instante eram prisioneiros, no seguinte já não lhes impunham cadeias, os guardas estavam à paisana, não haviam mais palavras de ordem ou pontapés. Estavam, por fim, livres.

Frankl (2006, 2022) compara essa distensão psíquica súbita com a doença da descompressão em mergulhadores. Estes, quando expostos à pressão mais intensa durante o mergulho, não podem retornar repentinamente à pressão atmosférica, do contrário, podem surgir graves sintomas devido à descompressão dos gases na corrente sanguínea. Em um paralelo psicológico, é possível afirmar que também existem sintomas dessa descompressão psíquica abrupta nos prisioneiros recém-libertos dos campos nazistas.

O violento processo de despersonalização que se deu durante a estadia dos prisioneiros dos campos de extermínio ainda permanece, ao atravessarem para o outro lado do

arame farpado, o mundo não causa impressão alguma, as flores, os pássaros, os campos, enfim, tudo lhes é indiferente. Esqueceram de como é sentir alegria, essa apatia diante do mundo causa confusão e decepção, afinal aquele momento tão desejado parece não ser mais tão desejável como em suas fantasias.

Sob o ponto de vista psicológico, pode-se chamar de verdadeira despersonalização aquilo que os companheiros libertos experimentam. tudo parece irreal e improvável (...) foram demais, muito demais as vezes em que o sonho nos iludiu nesses últimos anos. quantas vezes sonhamos que viria esse dia em que nos poderíamos movimentar livremente? (...) E agora deveríamos acreditar, de uma hora para outra? Agora essa liberdade seria realidade verdadeira? (FRANKL, 2006, p. 85)

Para além deste aspecto, o autor destaca dois pontos pertinentes à “síndrome da descompressão” dos cativos em campos de concentração. Quanto a alguns destes prisioneiros, permanecem ainda sob uma visão de mundo baseada na relação entre poder e violência, contudo, agora visam exercer este mesmo poder e liberdade de forma desenfreada e irrefletida, mesmo em uma menor escala. Segue um exemplo dado pelo psiquiatra recém libertado ao andar por um campo junto a um companheiro de campo:

Ele, entretanto, me pega pelo braço e me impele reto em frente. Balbuciei algo de que não se deve pisar na brotadura. Aí ele se exalta. Com olhar ameaçador grita: “O quê? E o que fizeram conosco? Liquidaram minha mulher e meu filho na câmara de gás - isto, para não falar do resto - e tu queres proibir que eu esmague uns talos de aveia?” (FRANKL, 2006, p. 87)

Ademais, existe outra ameaça à psiquê dos cativos recém-libertos dos campos nazistas: a decepção e a amargura no retorno para sua casa.

Ao voltar à sua vida antiga, muitos dos ex-prisioneiros se deparam com a indiferença e a superficialidade no momento em que podem rever os que lhe eram próximos, sejam parentes ou amigos. Constatam que muitos dos seus não reagem de maneira diversa de frases evasivas, tais como: “Não sabíamos de nada” ou “Nós também sofremos muito” (FRANKL 2006, p.87). Após a libertação do campo de concentração, uma das reações mais corriqueiras constatadas pelo autor é uma sede por partilhar as experiências vividas durante o cativeiro, simplesmente desejam encontrar escuta e acolhimento. A indiferença e a superficialidade que marcaram a recepção de muitos dos ex-prisioneiros em seus círculos sociais levam muitos a um sentimento de profunda amargura, questionando o motivo pelo qual buscaram sobreviver aos campos de extermínio (FRANKL, 2006).

A par deste sentimento, surge também a decepção. Esta, ao contrário de uma revolta interior contra a indiferença e inércia daqueles que o rodeiam - o sentimento de amargura -, é

marcada pelo sentimento de estar abandonado à sorte do destino. No campo de concentração, imaginava-se ter alcançado o ponto mais baixo do sofrimento humano, ao regressar, suas esperanças são quebrantadas. Não há um termo ao qual o sofrimento possa se limitar.

Ai daquele para quem não existe mais a razão de suas forças no campo de concentração - o ente querido. Ai daquele que experimenta na realidade aquele momento que sonhou mil vezes, e o momento vem diferente do que fora imaginado. A pessoa pega o bonde, vai até aquela casa que por anos a fio imaginava diante de si e aperta a campainha - bem assim desejara em seus sonhos... Mas quem abre a porta não é a pessoa que deveria abri-la - ela jamais voltará a lhe abrir a porta... (FRANKL, 2006, p.88)

3.1.3.1 - *Culpa e Responsabilidade*

Existe uma tendência implícita ao comportamento indiferente e inerte diante do retorno dos detentos em campos de concentração identificada pelo autor. A contínua afirmação “também sofremos muito” ou “não sabíamos de nada”, resulta, para Frankl (2006) de um querer-ignorar que fita escapar do temor de assumir uma culpa coletiva diante daqueles que sofreram nos campos de concentração atribuída àqueles de mesma nacionalidade - evidentemente, alemães e austríacos - pelos crimes cometidos pelo III Reich.

Estas mesmas pessoas são consideradas culpadas por crimes de uma camada dominante, diante dos quais, de fato, sequer tinham conhecimento e, em alguns casos, sabendo, não poderiam rebelar-se. A grande maioria da população, foi também vítima do terror nazista que lhes foi imposto. Não é cabível culpabilizar um ser individual porque outras pessoas de um mesmo grupo eventualmente cometeram algum crime, contudo é necessário considerar uma responsabilização coletiva, há, como que uma “responsabilização sem culpa” (FRANKL, 2022, p.122).

Por outro lado, o dilema de culpa e responsabilidade também é vivenciado pelos ex-prisioneiros dos campos de concentração:

“Pois nós, sobreviventes, sabíamos muito bem que os melhores que estiveram entre nós não conseguiram sair de lá - os melhores são os que não retornaram! Assim, só podíamos considerar nossa sobrevivência uma graça imerecida. (FRANKL, 2022, p. 124)

Assim, também para os prisioneiros, resta a responsabilidade diante de tantas vidas e experiências no campo de concentração. Mas que responsabilidade seria esta, compartilhada pelos ex-prisioneiros e pela população?

“(…) quitar essa dívida só parece ser possível através de uma atitude de despertar e manter desperta a consciência dos outros assim como a nossa própria” (FRANKL, 2022, p. 124)

Diante disso, resta somente a necessidade de realizar esta responsabilidade no cotidiano com uma postura e atitudes que revelem o sentido de manter desperta esta consciência. Para aqueles que vivenciaram o campo de concentração, mesmo abençoar o mais simples alimento, o sono tranquilo em uma cama ou um bom banho quente se torna uma forma de merecer a graça de ter sobrevivido *a posteriori*. (FRANKL, 2022). Para todos, não se permitir esquecer o que ocorreu nos gélidos campos de concentração, zelando para que coisas semelhantes não mais ocorram.

3.2 - O Homem Noético e a Liberdade da Vontade

O desenvolvimento de uma Psicologia dos Campos de Concentração mediante àquela experiência denominada por Frankl (2022) como *experimentum crucis*, leva-nos à questão sobre as premissas e implicações antropológicas que emergem durante o desenvolvimento da Análise Existencial e da Logoterapia.

Dito isto, o ser humano é compreendido não como um ser fático, mas um ser facultativo (FRANKL, 2012a). Em outras palavras, o ser humano é aquele que sempre, e inevitavelmente, decide o que ele é (FRANKL, 2006). Essa premissa da Análise Existencial acentua dois dos pilares da Logoterapia: A Liberdade da Vontade e a Dimensão Noética - a dimensão propriamente humana do ser humano.

Consideram-se, de forma didática, três dimensões humanas: biológica, psíquica e espiritual - noética. O ser humano é uma unidade dessas três dimensões. Nesse sentido, uma das principais críticas de Frankl (2012a) se baseia no fato de que toda psicoterapia decorre de uma imagem de homem, uma premissa antropológica. Ao obscurecer essas mesmas premissas antropológicas, a psicoterapia - seja qual for - arrisca-se a corromper o homem, tornando-o cativo de seus reflexos e pulsões, cerrando sua abertura às outras dimensões próprias do homem.

“O homúnculo moderno não é gerado em grutas ou alambiques alquimistas, mas lá onde expomos o homem como um autômato reflexivo ou como um brinquedo de reações e instintos (...) Em outras palavras: onde retiramos consequências biologicistas de resultados de pesquisas biológicas, de resultados de pesquisas psicológicas e psicologicistas etc. A partir da biologia é fácil ver surgir um biologicismo - mas de uma teoria homunculística nunca pode resultar uma práxis humanista” (FRANKL, 2012a, p. 59)

A partir desta compreensão dimensional do homem - denominada por Frankl (2012a) como ontologia dimensional, percebe-se a dimensão noética como a dimensão propriamente humana do indivíduo. Os animais partilham igualmente de uma dimensão biológica e psíquica. Estas são pareadas pelo psiquiatra de Viena respectivamente ao domínio das reações biológicas reflexas e ao campo dos desejos, pulsões e comportamentos adquiridos durante a história de vida do indivíduo.

Frankl (2012a) denominou paralelismo psicofísico a relação na qual as dimensões biológica e psíquica obrigatoriamente reverberam entre si. Para exemplificar sobre o paralelismo psicofísico, o autor demonstra haver casos de agorafobia causados por hipertiroidismo (FRANKL, 2011), casos de depressão endógena cujos sintomas repercutem em anomalias na menstruação e no suco gástrico (FRANKL, 2012a), ou ainda, estudos que confirmam os efeitos positivos de benzedrina no tratamento de neuroses associadas à depressão, fadiga e desprazer em tratamentos realizados pelo autor (FRANKL, 2012c).

Há ainda a dimensão noética - propriamente humana, sendo percebida como a dimensão mais elevada - complexa - do ser humano. Esta dimensão se dirige àquelas coisas que são apanágio do homem, que o diferenciam dos animais - como por exemplo, a Liberdade, a Responsabilidade, o Autodistanciamento, a Vontade de Sentido e Sentido de Vida e o Amor, naturalmente, não se há de citar todas estas realidades propriamente humanas, mas estas seguem à vanguarda como suas representantes. É permitido realizar uma paráfrase com Wittgenstein ao afirmar que, “sentimos que se todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido sequer tocados” (1968, 6.52). Assim também a satisfação de todas as necessidades das dimensões biológicas e psíquicas não seriam ainda capazes de tocar os problemas verdadeiramente humanos - noéticos ou espirituais.

À dimensão espiritual do homem é concedido o privilégio do que Frankl chamou de poder consolador do espírito ou antagonismo noopsíquico (2012a). Afirmou-se anteriormente que o homem “é o ser que decide o que ele é”, esta essência noética do ser humano lhe permite a capacidade de distanciar-se de si próprio, movendo-o para algo ou alguém para além de sua individualidade - capacidades respectivamente denominadas pelo autor como autodistanciamento e autotranscendência. (FRANKL, 2011)

A possibilidade de afastar-se de sua facticidade psicofísica impõe ao ser humano uma posição de liberdade. Ao contrário dos animais que se identificam com seus reflexos e pulsões, ao ser humano é permitido responder - positiva ou negativamente - a estes reflexos e pulsões, é necessário decidir aquilo que ele deseja ser. Enquanto entre o biológico e o

psicológico há um paralelismo psicofísico obrigatório, a liberdade - propriamente humana - faz emergir um antagonismo noopsíquico facultativo. O ser humano, no movimento em que se afasta de seu organismo psicofísico - em um paralelo com o Tractatus (WITTGENSTEIN, 1968), na medida em que transcende o mundo dos fatos - e, dirigindo-se à realização de um sentido - autotranscendência -, pode livremente afirmar ou opor-se seus reflexos, pulsões e mesmo seu mundo circundante.

“(...) nunca ocorrem no homem “pulsões em si”. As pulsões já são sempre afirmadas ou negadas; de um modo ou de outro, elas já são sempre de algum modo configuradas. (...) Pois as pulsões no homem - em oposição às pulsões dos animais - já se encontram sempre sob o domínio e sob a vigência de sua espiritualidade. A pulsionalidade já se encontra sempre assentada sobre essa espiritualidade; e isso de tal modo, em verdade, que não é apenas quando as pulsões são obstruídas, mas também no momento em que elas são desinibidas, que o espírito já sempre se colocou em obra, já sempre se imiscuiu discursivamente aí - ou, porém, silenciou aí” (FRANKL, 2012a, p. 90)

Estes aspectos da dimensão espiritual - noética - do ser humano atestam sua liberdade. Sem embargo, esta é uma liberdade a par das limitações próprias do ser humano. O mundo dos fatos permanece, a causalidade é, em grande parte, limitada, sem contudo, negar ao homem sua liberdade espiritual. Assim sendo, o homem é sempre livre, mas livre em relação a algo. Frankl (2012a) atesta a liberdade do homem - liberdade da vontade -, a partir da Análise Existencial, em três aspectos: ante as pulsões, à herança e ao mundo circundante.

Conforme afirmado anteriormente, o ser humano possui pulsões, todavia, não se permite identificar com estas. As pulsões do ser humano necessariamente perpassam sob o domínio do espírito, assim sendo, ao homem é permitido consentir ou não em manifestar essas mesmas pulsões, já sempre personificadas - dada a unicidade de cada sujeito. A liberdade da vontade se impõe não somente em obstruir ou vivenciar a pulsionalidade própria do ser humano, mas também na atitude do ser humano ante suas pulsões.

A liberdade da vontade transparece diante da herança - hereditariedade - de sua disposição física ou genética. Frankl (2012a) vale-se de pesquisas com irmãos gêmeos - por consequência, de mesma disposição genética - para afirmar a liberdade do homem em relação a sua hereditariedade. Em um dos casos de gêmeos univitelinos, um dos irmãos havia se tornado um “refinado criminoso”, por outro lado, seu irmão se tornou um “refinado criminalista”. A característica “refinamento” é própria a ambos, entretanto, por si mesma não os obrigava ao vício ou à virtude, a liberdade de sua vontade diante desta característica é decisiva. Em um segundo caso, irmãs gêmeas manifestavam similaridades mesmo em detalhes mais tênues - desde seu estilo de vestimenta ao seu gosto musical, entretanto, uma

delas se tornara psicóloga e outra tinha comportamentos marcadamente neuróticos. Assim, atesta-se a liberdade da vontade do homem ante sua herança.

Por fim, e de forma mais concreta, afirma-se a liberdade da vontade ante o mundo circundante. Esta liberdade se impõe sobretudo a partir da atitude humana para com a realidade que lhe é apresentada, como ele se posiciona diante do mundo. Este posicionamento interior - noético - é necessário e inalienável, o ser humano obrigatoriamente deve decidir e responsabilizar-se por sua atitude ante o mundo, sua finitude lhe impõe essa questão. A liberdade diante de um posicionamento perante o mundo circundante é própria ao ser humano.

A limitação do homem no tempo lho obriga a decidir diante do mundo dos fatos que se apresenta, sob pena da impossibilidade de recuperar sentidos - realização de valores - perdidos num instante do passado (FRANKL, 2022). Assim, em par da liberdade da vontade está a responsabilidade. Esta pode ser considerada em relação a um sentido a ser realizado em um tempo concreto, uma atitude concreta, diante de seus valores de criação, vivenciais ou de atitude. Por outro lado, considera-se esta responsabilidade para com quem e diante de quem o sujeito sente-se responsável - diante de Deus, de si mesmo e de sua consciência ou do outro. A liberdade, desconsiderados os termos de uma responsabilidade, corre o risco de degenerar em mera arbitrariedade (FRANKL, 2011).

Por fim, propõe-se esta relação entre o homem noético e a liberdade que lhe é própria. É depreendido de seu caráter espiritual a liberdade da vontade ante sua dimensão biológica, sua dimensão psíquica e o mundo no qual está submerso. De forma concomitante, é necessário destacar que o homem não é um ser somente espiritual, mas é compreendido como uma unidade entre sua dimensão espiritual e psicofísica, com movimentos fundamentalmente diversos - dado que são três dimensões distintas entre si, mas pertencentes uns aos outros por princípio e, por consequência, inseparáveis. Está posta, em última análise, a compreensão do homem enquanto ser biológico, psíquico e espiritual - à vista desta última, portador de uma vontade fundamentalmente livre.

3.3 - O Desvelamento de Sentido

Em consequência da Psicologia do Campo de Concentração e da Visão de Homem adotada pela Logoterapia, é necessário responder também sobre o que é referido quando a Análise Existencial aborda sua questão central: o sentido da vida e o desvelamento deste mesmo sentido.

Segundo Frankl (2006), há um equívoco nas concepções sobre higiene mental baseadas no equilíbrio - para utilizar um termo da biologia, homeostase - em outras palavras, um estado livre de tensões. O autor contrapõe-se ao princípio da homeostase ao afirmar que para a manutenção da saúde mental é necessária uma certa carga de tensão, há uma noodinâmica própria e necessária ao ser humano.

Seguindo o estilo do psiquiatra de Viena em suas comparações com a Física ou a Biologia, é possível esclarecer melhor a dinâmica - noodinâmica - proposta por Frankl a partir de um paralelo com o conceito da eletrodinâmica de Tensão Elétrica ou Diferença de Potencial. Em um circuito elétrico, para gerar uma corrente elétrica, é necessário estabelecer uma diferença de potencial entre dois pontos do sistema. A diferença de potencial entre estes pontos do circuito gera a força necessária para mover as cargas do ponto de menor potencial a outro de maior potencial, permitindo a circulação de corrente e, a partir disso, o uso funcional dos mais diversos aparelhos elétricos. Ao contrário, não havendo uma diferença de potencial entre dois quaisquer pontos do circuito - situação de ausência de tensão - não há força necessária para movimentar as cargas e, portanto, não há corrente elétrica, nem uso possível dessa energia.

De forma semelhante se dá com a noodinâmica proposta por Frankl (2006). O princípio da homeostase - ausência de tensão - não colabora para manutenção da saúde mental, antes, lança o homem em um vazio existencial, marcado sobretudo por um sentimento de tédio. (FRANKL, 2015)

Assim, o sentido da vida é caracterizado por uma tensão - como a diferença de potencial necessária ao funcionamento de um circuito elétrico - entre o sentido a ser realizado e o momento presente. Essa dinâmica - tensão - entre o sujeito e o sentido a ser realizado em um ponto concreto do futuro impulsiona o ser humano, que, por seu caráter espiritual, tende a busca da realização de diversos sentidos em sua história de vida - vontade de sentido.

A compreensão noodinâmica de Frankl evoca alguns aspectos entre o sujeito e o sentido a realizar em um futuro concreto. Existe uma relação única entre o sujeito e os sentidos que lhe são possíveis para realizar, portanto, cada sentido de vida é único e pessoal. Nesse sentido é possível falar de uma relatividade do sentido de vida, pois para cada sujeito esse sentido se relaciona com um momento específico, com seus valores e com uma deliberação de sua livre vontade, neste aspecto Frankl (2011) aponta para o caráter de unicidade dos sentidos de cada ser humano ao longo de sua história de vida.

A questão é, a cada instante, completamente distinta para cada indivíduo. Desse modo, vemos também a forma simples com que se formula a pergunta pelo sentido

da vida: caso ela não seja formulada em toda a concretude – na concretude do aqui e agora. Indagar pelo sentido da vida deve parecer, nessa visão, uma atitude tão ingênua quanto, por exemplo, a pergunta de um repórter que entrevista o campeão mundial de xadrez: “E agora, ilustre campeão, diga-me: Qual é a jogada que o senhor considera a melhor?” Há, pois, uma determinada jogada de xadrez que pode ser considerada boa ou até a melhor – para além de uma situação de jogo bem específica e concreta, de uma posição concreta das peças? (FRANKL, 2022, p.38-39)

Assim, numa perspectiva da Logoterapia, o sentido da vida pode ser compreendido também com a tomada de responsabilidade sobre uma resposta pessoal às situações concretas do cotidiano pela realização de valores criativos, vivenciais e atitudinais. Uma questão sobre o sentido da vida não deve ser levantada como um questionamento à realidade - "o que eu devo esperar da vida?" - mas antes uma questão levantada pela realidade concreta ao homem dotado de responsabilidade e liberdade - "o que este momento espera de mim?". No movimento de desvelamento de sentido se faz necessária uma “virada copernicana” das questões nascidas de uma vontade de sentido essencialmente humana (FRANKL, 2022)

Esse movimento de desvelamento de sentido a partir de um questionamento de um momento específico ao sujeito implica na impossibilidade de criação de sentido, este somente pode ser descoberto, desvelado, mas nunca criado ou dado a alguém. Se é possível falar de uma "criação" de sentido, certamente se daria a partir de uma resposta do sujeito, mas nunca de forma arbitrária. (FRANKL, 2011)

Crumbaugh e Maholick apontam que a descoberta do sentido de uma situação vivida se relaciona com uma percepção gestáltica. Essa hipótese coaduna com a afirmação de Wertheimer, um dos membros da Escola da Gestalt: "Uma situação, como '7+7=?', constitui um sistema portador de uma lacuna. (...) O complemento '14', no entanto, corresponde à situação, encaixa-se na lacuna, atende aí que é estruturalmente exigido nesse sistema (...) Outros complementos, como '15', não se encaixam, não são os corretos. Chegamos, aqui, ao conceito de exigência da situação (...) 'Exigências' de tal ordem possuem uma qualidade objetiva" (FRANKL, 2011, p. 82)

Afirma-se, portanto, que a descoberta de sentido possui uma qualidade objetiva. Refere-se a uma resposta propícia diante de uma situação específica. Ademais, no movimento de descoberta de sentido existem dois outros aspectos a serem destacados, seu caráter valorativo e consciente.

Enquanto uma realização valorativa, podemos distinguir algumas características da vivência de sentido. Primeiramente, compreendem-se os valores como universais de sentido cristalizados diante de situações que a sociedade, ou mesmo a humanidade, deve defrontar-se em repetidas ocasiões. (FRANKL, 2011) Em outros termos, valores podem ser abordados como ideais de sentido compartilhados por uma comunidade. Entre estes valores, o terapeuta

destaca três tipos de valores, sobre os quais serão debatidos com maior profundidade adiante (FRANKL, 2012a): valores de criação, de experiência e de atitude. Respectivamente, referem-se à realização de sentido através do trabalho, da vivência junto ao outro - o amor - e, por fim, diante do sofrimento, da culpa e da morte, através de como a pessoa é capaz de se posicionar diante da *triade trágica* quando não se lhe pode escapar ao confronto.

Em última análise, somos obrigados a apontar o caráter consciente do desvelar do sentido para o homem. O ser humano, enquanto ser noético dotado de uma vontade de sentido, é guiado por sua consciência. "Esta pode ser definida como a capacidade intuitiva do homem para encontrar o sentido de uma situação, sentido esse que - sendo, sempre, único - não se submete a uma lei geral." (FRANKL, 2011, p. 82)

É, destarte, forçoso ao homem exercitar sua consciência, ser consciente de si próprio. Do contrário, o homem corre o risco de uma submissão espiritual ao conformismo ou ao totalitarismo, negligenciando sua própria capacidade de descobrir seus próprios sentidos a partir de uma escolha consciente. Frankl (2015) alerta sobre essa possibilidade, de forma particular, entre os jovens. A sociedade moderna já não possui tradições firmes que lhe orientem na direção de valores. Ademais, em contraponto aos animais, os instintos não podem forçar e nem ao menos guiar o ser humano em direção de uma tomada de posição diante de sua existência. O desvanecimento dos valores compartilhados e a debilitada consciência do próprio caráter de ser consciente e, portanto, a partir da criatividade própria de sua consciência, eleger a realização de valores pessoais e únicos, submetem o sujeito ao risco do totalitarismo - fazer o que os outros desejam - e do conformismo - se deixar guiar pelo o que os outros fazem.

Para além da antítese entre o seguimento genuíno de sua própria consciência na realização de sentido e a tendência ao totalitarismo e ao conformismo noético (FRANKL, 2015), é necessário pontuar que, em última análise, trata-se sempre de uma decisão de um ser humano fundamentalmente livre e, de forma igualmente fundamental, responsável por essa decisão. Com mesma força também afirma-se que esta liberdade e responsabilidade eventualmente encontram seus limites exatamente por seu caráter propriamente humano - e, em consequência, propriamente limitado.

(...) devo também acrescentar que se trata "meramente" de um fenômeno humano. Isto é, que está sujeito à condição humana marcada pela finitude. (...) A menos que sejamos perfeccionistas devemos aceitar a falibilidade de nossa consciência. É verdade, o homem é um ser livre e responsável. Mas sua liberdade é finita. A liberdade humana não é onipotente. Da mesma forma, a onisciência não é possível à consciência humana tanto em termos morais quanto em termos cognitivos. (...) Mas se o homem quiser ser fiel à sua humanidade, deve obedecer, incondicionalmente, à

própria consciência, ainda que saiba da possibilidade de erro. Eu diria que a possibilidade de errar não o dispensa da necessidade de tentar" (FRANKL, 2011, p. 85)

3.4 - As Três Vias de Sentido

3.4.1 - *A via de sentido do trabalho*

A partir da percepção do sentido como realização de valores por um ser espiritual - por conseguinte, um ser livre e responsável, a Análise Existencial destaca três principais vias de realização de sentido do ser humano. A realização de valores de criação - através do trabalho -, valores de vivência - especialmente pela vivência do amor - e valores de atitude, a partir de um posicionamento interior do indivíduo diante do sofrimento inescapável.

A partir do plano dos valores criativos, cuja realização coincide muitas vezes com o trabalho profissional, Frankl (2016) destaca que a realização de valores de criação, a via de sentido a partir do trabalho, toca a comunidade na qual o sujeito está inserido, da qual recebe seu valor e seu sentido. A realização de valores de criação é realização com a qual se contribui para com a comunidade, não está relacionada à simples execução de uma atividade.

A descoberta de sentido a partir do trabalho, tal como toda descoberta de sentido, se desvela a partir daquilo que existe de propriamente humano na atividade, nos termos do psiquiatra vienense, se refere ao caráter de unicidade de um trabalho realizado por uma pessoa particular e, portanto, irrepetível.

(...) o que importa não é, de modo algum, a profissão em que algo se cria, mas antes o modo como se cria; que não depende da profissão concreta como tal, mas sim de nós, o fazermos valer no trabalho aquilo que em nós há de pessoal e específico, conferindo à nossa existência o seu caráter de algo único, fazendo-a adquirir, assim, pleno sentido. (FRANKL, 2016, p. 206)

Portanto, a realização de valores criativos não se dá pelo simples exercício de uma arte laboral, mas pelos traços propriamente humanos que lhe são conferidos em sua realização. Essa afirmação se confirma especialmente ao analisar sua antítese, a chamada neurose de desemprego. Em suas pesquisas com pessoas em situação de desemprego (FRANKL, 2016), o autor observa que muitos destes compreendem sua situação de desocupação laboral como uma desocupação interior, que traz consigo o sentimento de apatia - traço característico do vazio existencial (FRANKL, 2015).

Nestas ocasiões, um sentimento de vazio existencial latente vem à consciência na ocasião em que se defrontam com o desemprego, em que são como que forçosamente postos contra essa realidade interior. A ocupação anterior se punha antes como uma forma de sobrevivência que como uma via de realização de sentido e de valores, à vista disso, a vida

sob a condição de desempregado desemboca numa condição de existência provisória, diante da qual nada mais há por ser realizado.

O que verdadeiramente torna apático o desempregado neurótico, o que afinal está no fundo da neurose de desemprego, é por conseguinte a falsa visão segundo a qual o único sentido da vida reside no trabalho profissional. Com efeito, a falsa identificação da profissão com a missão a que se é chamado na vida por força tem que induzir o desempregado a sofrer a impressão de ser inútil e supérfluo (FRANKL, 2016, p. 212)

O autor ainda afirma esta visão a partir do exemplo de outros desempregados que vivenciam seus valores de criação em ocasiões que ultrapassam o campo de trabalho meramente profissional. Frankl (2016) observa que os desempregados que não se submetem à pressão social e financeira gerada pelo desemprego, podem encontrar uma realização de sentido em diversos outros campos em sua vida: ao realizar trabalhos voluntários, ao dedicar-se às causas sociais, ao apreciar música ou literatura, por exemplo.

“O que é indicado, nestes casos, é apenas uma análise da existência que mostre ao desempregado o caminho que leva à sua liberdade interior, mesmo perante o seu destino social conduzindo-o àquela consciência da responsabilidade, a partir da qual ele possa dar um conteúdo à vida e guarnecê-la de sentido, a despeito das suas dificuldades.” (FRANKL, 2016, p. 214)

3.4.2 - A via de sentido do amor

A experiência da bondade, da verdade, da beleza, da cultura e, de forma particular, no encontro de genuíno com o outro - a experiência de amar e ser amado - são caminhos de realização de sentidos através de valores vivenciais ou de experiência, sendo sua manifestação mais excelente, segundo o autor (FRANKL, 2011, 2016, 2022) a vivência genuína do amor.

A partir disso, destacar-se-á neste escrito a vivência do amor como modelo de realização dos valores de experiência. Para compreensão do amor sob a ótica da Análise Existencial, é necessário voltar o olhar à dimensão espiritual do ser humano. O espiritualmente ente - compreende-se espiritual no sentido previamente abordado da Análise Existencial - está junto a outro ente, a presença espiritual é sua característica distintiva, o ente espiritual é sempre um ser-junto-a.

Esse ser-junto-a é apreendido não a partir de uma dimensão necessariamente manifesta no ôntico, mas de sua dimensão ontológica. Não aponta para uma presença espacial mas de uma presença que aponta para o próprio ser o daquilo que é espiritualmente ente. Não sendo uma presença que se submete à materialidade, o ser-junto-a realiza-se a partir de uma

intencionalidade que aponta para outro ente. Ele torna-se verdadeiramente presente espiritualmente à medida que se conscientiza se um outro ente (FRANKL, 2012a)

De forma particular, é possível ao ente espiritual ser-junto-a outro ser de natureza espiritual. Esta particular presença espiritual por meio de uma intencionalidade que se dirige a um outro ser espiritualmente ente em sua particularidade é aquilo que o psiquiatra de Viena denomina a partir da Análise Existencial como amor. O amor, para além de sua definição entre o ôntico e o ontológico, pode ser definido como:

“(...) poder dizer “você” a alguém e - para além disso - poder dizer “sim” a ele; em outras palavras: apreender um homem em sua essência e em seu modo de ser, mas também abarcando-o em seu valor, em seu dever-ser, ou seja, afirmá-lo” (FRANKL, 2012a, p. 75)

Posta a compreensão sobre o amor postulada pela Análise Existencial, compreende-se que o desvelamento de sentido pelo amor se dá - como é próprio das vivências de sentido, em um caráter de algo irrepetível e singular - que se realiza, nesta via, no encontro entre e um eu e um tu. Este encontro também é um fenômeno próprio e originalmente humano (FRANKL, 2016). É propriamente humano pois somente se dá em relação de dois entes espirituais que em sua intencionalidade se fazem conscientes um do outro no seu ser-aí (*Dasein*), e ser-assim (*So-sein*). Também é originariamente humano no sentido em que o amor não se submete a ser uma mera sublimação da sexualidade, mas se impõe como condição e premissa de quaisquer desenvolvimento, amadurecimento e integração sexual.

Desta feita, a Análise Existencial parte de tal compreensão sobre a vivência do amor para ater-se ao amor especialmente enquanto um amor *eros*, embora ainda reconhecendo outras vivências desta experiência sob outras formas. Nesse ponto, encontramos-nos diante de três possíveis atitudes do homem enquanto aquele que ama correspondentes às três dimensões do ser humano apresentadas ao início deste capítulo: biológica, psíquica e espiritual.

A partir deste prisma, segundo Frankl (2016), a atitude meramente sexual é a mais primitiva e superficial dentre as expressões da vivência do amor. Como afirmado anteriormente, a atitude sexual só pode se integrar totalmente sob a condição *sine qua non* de uma vivência genuína do amor, sendo esta, portanto, uma expressão mais superficial desta vivência de sentido. Na atitude sexual há tão somente uma afetação pelo outro em sua corporalidade em uma pessoa já sexualmente predisposta e se limita ao âmbito biológico do ser humano.

Ao avançar para a expressão do amor sob o diálogo com a dimensão psíquica do ser humano adentramos naquela atitude que Frankl (2016) denomina atitude erótica. Existe nessa atitude algo para além de uma simples atração física, os aspectos anímicos, psíquicos, nas palavras do autor, "rasgos de seu caráter" exercem influência sobre o sentimento do enamorar-se e constituem, por assim dizer, a intenção desta segunda atitude enquanto expressão de uma vivência amorosa.

Segue-se então para atitude amorosa propriamente dita, a vivência do amor genuíno se dirige ao cerne de um outro ser espiritual, como posto anteriormente. Dito isto, aquele que ama se faz capaz de enxergar aquilo que o outro traz em si de singular e irrepetível, a contemplação amorosa daquele que ama visa uma camada espiritual do ser amado, neste ponto, o aspecto corporal e anímico - psíquico - são como que uma roupagem daquele ente espiritual que é visado no ato de amor (FRANKL, 2016). Neste ato espiritual, aquele que ama se volta para aquele ser-assim (*Sosein*) do ser amado, para além da existência, ser-aí (*Dasein*) de um ser noético.

Dessa forma ainda é possível apreender como o amor enquanto ato espiritual chega a transcender até mesmo a morte do amado. No morrer, a existência desvanece, o ser-aí (*Dasein*) é arrebatado, no entanto, uma vez acolhido o ser-assim-e-não-de-outro-modo daquele que por graça é amado, sua essência não perece no tempo, a intenção amorosa daquele que ama permanece no seu próprio ser, independente da presença física do ser amado. Esta experiência de acolher o outro em si mesmo, possibilita, por fim, o desvelamento de possibilidades de sentidos vivenciais em si e no amado.

Estavam ambos pálidos e abatidos; mas naqueles rostos doentios e pálidos brilhava já a aurora de um renovado futuro, de uma plena ressurreição para uma nova vida. O amor ressuscitava-os, o coração de um encerrava infinitas fontes de vida para o coração do outro. Resolveram esperar e ter paciência. A ele, ainda lhe faltavam sete anos; e, até então, quantos sofrimentos insuportáveis e quanta felicidade infinita! Ele ressuscitara e sabia-o, sentia-o em todo o seu ser renovado, e ela... ela vivia unicamente da vida dele! (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 587)

Convém destacar ainda que a vivência do amor, compreendida enquanto uma realização noética, não se subordina ao biológico e ao psíquico, no entanto reclama uma expressão biológica e anímica. Ao abordar o amor sob o prisma das dimensões antropológicas do ser humano, não se objetiva uma separação entre estas três dimensões, mas uma explicação didática desta vivência sob o olhar da Logoterapia e Análise Existencial. Assim, como as três camadas antropológicas existem como um único ser - humano -, a vivência do amor, longe de

ser desencarnada, existe como uma única vivência que se projeta sob diversas expressões - corporal, psíquica e espiritual.

3.4.3 - *A via de sentido do sofrimento*

Todo o viver é capaz de desvelamento de sentido. Esse postulado da Análise Existencial traz consigo a premissa de que, se toda a vida é capaz de sentido, o sofrimento, enquanto parte necessária da vida humana, é também via de descoberta de sentido.

Por meio do sofrimento se colocam os problemas mais vitais do homem, o aspecto pático da existência é sinal de vida - longe aqui de referir-mo-nos à vida enquanto seu aspecto meramente biológico, mas sobretudo enquanto *nôos* -, é sinal de movimento interior.

O sofrimento quando compreendido somente ao seu aspecto biológico é sinal de um desequilíbrio físico-químico do organismo, sejam homens ou animais. Ao cruzar a fronteira de uma vivência propriamente humana, o sofrimento atravessa-a de alto a baixo, através do penar o ser humano é capaz de progredir interiormente e esse avanço abre o sofrimento ao seu verdadeiro sentido.

"A "pena" e o verbo neutro "penar"; penando nós avançamos na vida, nós somos feitos para isso, e isso dá a esse avanço seu verdadeiro sentido. De outra forma, tudo nos cairia como o maná celeste e provavelmente não teria mais, a nossos olhos, o mesmo valor. Com certeza, penar não é o que poderíamos chamar de um acontecimento divertido e agradável, mas não é tampouco um "mal-estar" (MINKOWSKI, 2000, p. 159)

A partir deste prisma sobre o sofrimento, compreendemos a qual experiência nos dirigimos ao falar sobre a via do sofrimento da abordagem de Frankl. O ser humano quando anteposto ao sofrimento inevitável pode vivenciar o sentido desta experiência realizando valores de atitude - atitudinais. Ao contrário dos valores de criação e de vivência que são realizados a partir do talento para criar algo ou dos sentidos necessários para experimentar uma vivência, a realização de valores de atitude é somente realizada pela aquisição da própria capacidade de sofrer através do próprio sofrimento. Não se trata aqui meramente ser atingido pelo penar, mas de sofrê-lo com uma postura existencial ativa, uma superação interior de si mesmo (FRANKL, 1978)

"O indivíduo que sofre não é capaz de plasmar seu destino exteriormente, mas justamente no sofrimento lhe oferece a oportunidade de superar interiormente o destino, transpondo-o do campo factual para o existencial. No caso do nosso paciente, qual era o fato? Era: tenho *morbus little* (...) Elaborado existencialmente, o fato passou a ser formulado: tenho *morbus little* e esta doença me foi dada para que

eu a resolva; estou diante do problema de o que fazer com ela." (FRANKL, 1978, p. 240)

O sentido do sofrimento na compreensão da Análise Existencial traz para o sujeito a responsabilidade diante de seu sofrimento. Cabe ao *homo patiens* responsabilizar-se por sua atitude existencial e escolher pela realização dos valores atitudinais corretos diante de sua consciência.

Em diálogo com a responsabilidade do *homo patiens* por seu sofrer, existe o caráter transcendente do sofrimento. A experiência do *patio*, enquanto movimento noético, não se permite encerrar em si mesma, do contrário, identifica-se com o masoquismo. Assim, o penar deve dirigir-se a outra finalidade - intencionalidade - que não a si mesmo. O sofrimento interroga o homem diante de quê ou quem ele sofre, por quê ou quem ele se decide a tomar para si o penar. O sofrimento com sentido se identifica com o sacrifício diante e por algo ou alguém. "Em síntese, sofrimento dotado de sentido é pura e simplesmente sacrifício" (FRANKL, 1978, p.244)

3.5 O Suprassentido

Em última análise, Frankl (2007, 2012d, 2015, 2022) propõe a possibilidade do sentido de vida enquanto decisão existencial por uma vazia inalcançável de forma intelectual, adentra-se no domínio do crer.

Ao lançar uma afirmação sobre um sentido último, derradeiro, da realidade e da vida do ser humano, a análise fenomenológica de Frankl (2012d, p. 299) também considera que "quanto mais abrangente o sentido, tanto menos tangível ele é".

Para ilustração desta premissa, o psiquiatra vienês propõe a seguinte imagem durante uma terapia de grupo a uma senhora que intentara suicídio por conta do falecimento de seu filho de 11 anos:

(...) imagine que por um momento se aplicam injeções dolorosas em um macaco para o desenvolvimento de um soro contra a poliomielite. O macaco algum dia compreenderia porque ele precisava sofrer?" Em unísono o grupo retrucou: nunca, o macaco jamais estaria em condições de seguir as reflexões do homem (...) pois o mundo humano não é acessível a ele (...) Em seguida, por outro lado, chegou novamente minha vez: "e as coisas ocorrem com o homem de maneira diversa? O mundo do homem é uma espécie de estação final, de tal modo que, para além dele, não haveria nada? Não precisamos supor antes que o próprio mundo humano é ultrapassado por um mundo que, por sua vez, também não é acessível ao homem, mundo esse no qual apenas seria possível encontrar o sentido do sofrimento?" (FRANKL, 2012d, p.289)

Sob este prisma, compreendemos a diferença dimensional entre o sentido último referido por Frankl. As ciências naturais, por sua própria natureza, não alcançam nenhuma teleologia, quaisquer proposições teleológicas não podem ser negadas ou afirmadas nesta dimensão. A partir disso, negar um sentido derradeiro porque não atingível pelo intelecto constitui uma conclusão não pertinente, *ignoratio elenchi*. O território do incompreensível não se identifica com aquilo que é inacreditável.

No ponto em que o pensamento humano é superado, cabe a este uma decisão existencial - de todo modo, mesmo o silêncio diante disto é uma decisão. Assim, o próprio sujeito depõe o peso de sua existência na balança a favor ou contra um sentido derradeiro, suprasentido da vida. (FRANKL, 2007). Esta crença - decisão - desta possibilidade de reflexão termina por realizar a si mesma. A convicção sobre um suprasentido traz consigo um aspecto criativo. O ser humano derrama essa convicção no próprio agir, age “como se” a sua vida fosse dotada de um sentido superior inalienável (FRANKL, 2012d)

4 PARA ALÉM DA LINGUAGEM: POR UM SUPRASSENTIDO DO COTIDIANO

4.1 - Retomada de discussão

Ao final dos dois capítulos anteriores, apresentamos algumas das principais ideias de Wittgenstein e Viktor Frankl, buscando, a partir da perspectiva particular de cada autor, intuir sobre o sentido da vida a partir do amor. Neste ponto, é necessário retomar as ideias de Wittgenstein apresentadas no início do trabalho, agora, em diálogo com as ideias postas pela Análise Existencial - principal leitura desta monografia.

O filósofo analítico apresenta a linguagem dotada de sentido como descrição da realidade. A linguagem se estabelece a partir de uma forma lógica, condição da linguagem dotada de sentido e significado. Os fatos do mundo também apresentam uma forma lógica como condição transcendental. A realidade - conjunto dos estados de coisas possíveis - bem como a linguagem - conjunto de todas as proposições capazes de descrever a realidade - apresentam uma mesma condição transcendental: a forma lógica. Dito isto, a linguagem dotada de sentido deve descrever a realidade em uma relação de figuração desta, a linguagem é figuração da realidade.

As proposições da linguagem descrevem os fatos do mundo. “Proposições não podem exprimir nada além” (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.42, p.126). É forçosa a conclusão de Wittgenstein de que o sentido ético - aquilo que tende ao bom, ao belo e feliz (WITTGENSTEIN, 1995) - deve estar para além dos fatos e da linguagem. As proposições

tão somente descrevem a realidade. E os fatos do mundo são acidentais, não há neles valor algum. Se houvesse algum valor no mundo, este seria acidental, e, portanto, novamente sem valor algum. O sentido do mundo, deve, assim, estar fora do mundo. Assim a ética - sentido do mundo - é transcendental (WITTGENSTEIN, 1998, § 6.421, p.127).

A compreensão tractatiana afirma desta maneira que os fatos do mundo não possuem nenhum valor em si mesmos. No entanto, esta filosofia é dominada por duas entidades principais: o sujeito transcendental e o mundo. Somente quando considerados pela perspectiva do sujeito transcendental - limite do mundo, este está para o mundo tal como o olho está para seu campo visual - os fatos assumem valor absoluto (Pinto, 1998). Dessa forma, a vontade do sujeito transcendental é portadora do ético e a respeito desta, a linguagem resigna-se ao silêncio (WITTGENSTEIN, 1998, § 6.423, p.127).

A vontade do sujeito transcendental não é capaz de alterar os fatos. Não há nenhum vínculo lógico entre a vontade e o mundo. No entanto, a vontade como que altera os limites do mundo do sujeito, o mundo daquele que é feliz é radicalmente diverso do mundo daquele que é infeliz. (WITTGENSTEIN, 1998, § 6.43, p.127)

A experiência de uma alteração dos limites do mundo se coloca em diálogo com o desvelamento de sentido Frankliano. As vivências do psiquiatra e de seus companheiros nos campos de concentração alemães expõem de forma prática as proposições de Wittgenstein sobre o aumento ou diminuição do mundo interior do sujeito.

Por via de exemplo, é possível recordar de certa ocasião em que o psiquiatra contempla interiormente a imagem de sua esposa durante os trabalhos forçados no gelo (FRANKL, 2006). Aquela contemplação amorosa, a presença ontológica de sua esposa lhe ocasiona alegria e consolo durante seus trabalhos sob a neve e as agressões dos soldados. Em outra ocasião, o autor relata a vivência de um rapaz, muito próximo de sua mãe, que, por amor dela, vivia os fatos do campo de concentração nazista tencionando por recontrá-la ou, pelo menos, viver de modo digno diante dela. (FRANKL, 1989) A vontade do psiquiatra e do jovem rapaz, haviam alterado os limites do mundo interior por um desvelamento de sentido.

Neste diálogo entre Wittgenstein e Frankl, é interessante destacar um aspecto que Pinto (1998) aborda em seu *Iniciação ao Silêncio* sobre o sentido da vida compreendido no Tractatus. De acordo com o filósofo de Viena, os fatos do mundo nos colocam esta problemática, no entanto a solução deste está para além do mundo.

"Neste ponto, de maneira um tanto misteriosa, Wittgenstein afirma que, embora os fatos pertençam todos à missão ('Aufgabe'), eles não fazem parte da solução (1922: 6.4321). É certo que a palavra 'Aufgabe' é normalmente traduzida por 'trabalho', 'problema', 'tarefa'. Mas ela está sendo usada aqui no sentido de 'tarefa conferida' ou

'missão'. Esta interpretação sugere que cada um de nós está no mundo para realizar uma missão, que cada um de nós tem uma "tarefa ética" a realizar: solucionar o "enigma da vida". Os fatos constituem um obstáculo a ser vencido para que a solução possa ser alcançada" (PINTO, 1998, p.241)

Neste mesmo diálogo, ambos autores consideram a solução do "enigma da vida" e do "desvelamento de sentido" como missão (FRANKL, 1989, 2006, 2022; WITTGENSTEIN, 1968). Dessa forma, o ser humano tem por missão de vida encontrar um sentido, tendência inerente da existência propriamente humana. O ser humano enquanto ser noético, não somente tem por missão solucionar o enigma da vida, mas também como necessidade ética.

Desta maneira, o enigma proposto por Wittgenstein (1968) e a virada copernicana de Frankl (2006, 2015, 2016, 2022) sobre o sentido da vida encontram um denominador comum: o homem não deve questionar o mundo sobre o sentido da vida, ao contrário, os fatos questionam o homem, lhe pedem uma resposta de sua vontade - de sua liberdade.

Compreende-se também que a resposta ao enigma proposto pela vida ao homem é posto pelos fatos concretos, em um tempo concreto, diante de um sujeito dotado de uma vontade marcada pelo ético - valores. Contudo, a resposta de sentido se dá em um ponto de vista a partir do eterno - *sub specie aeterni*. As colocações proposições - contra-sensos - éticos do Tractatus e a percepção da Análise Existencial sobre o Sentido da Vida como uma intuição do órgão da consciência se complementam.

O sentido da vida como *sub specie aeterni* na compreensão do filósofo austríaco se dirige à ideia de atemporalidade do sentido da vida. A solução desta problemática não se coloca no tempo - do contrário seria accidental, o tempo é um fato. Dessa forma a consciência mística se dirige a uma eternidade vivida no momento presente. O sujeito transcendental a partir disto pode contemplar o sentido da vida em silêncio. Este sentido revela ao sujeito transcendental que o mundo é, não como o mundo é. (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.44, p.128).

Este significado sob o prisma da Análise Existencial toma outros contornos ao mesmo tempo similares e complementares ao Tractatus. Por parte de Frankl (2022), o sentido da vida recebe um valor de atemporalidade porquanto encerra uma realização de valores guardados no ser passado. Ao decidir-se por uma realização de valores - sentidos, o ser humano realiza uma opção irreparável e esta opção por realizar ou não sentidos de vida permanecerá eternamente guardada em sua história. Desta maneira, o sentido da vida adquire um caráter *sub specie aeterni*. Aqueles sentidos uma vez apreendidos e realizados, assim permanecerão, bem como a responsabilidade do ser humano sobre estes.

4.2 O Suprassentido e o Inefável

A seguir desta breve introdução a um diálogo entre as ideias de Frankl e Wittgenstein, podemos tomar o principal ponto de convergência entre as ideias do jovem filósofo e do psiquiatra.

Diante de todas as ideias da Logoterapia e da Análise Existencial de Viktor Frankl está uma premissa inicial: a crença em um sentido incondicional da vida humana. A vida humana, em seu caráter propriamente autotranscedente, está aberta ao desvelamento de sentido, ainda que submetida à tríade trágica - sofrimento, culpa e morte - que permeia a existência do ser humano. Dadas as consequências desta premissa, o autor questiona (FRANKL, 2007, 2015, 2022) também o sentido do mundo como um todo, como o destino que escapa ao domínio da vontade humana. Esta questão posta pelo autor extrapola o sentido da vida humana num sentido particular e o estende também aos acontecimentos do mundo. Neste ponto é claro que os sentidos realizados pelo sujeito dependem da forma como este se coloca diante dos fatos e como é capaz de realizar valores - criativos, vivenciais e atitudinais. Contudo, para além disso neste ponto é questionada a realidade como um todo, a premissa do sentido incondicional da vida é estendida às suas consequências *ad absurdum*.

Sob este prisma, a Análise Existencial e a Logoterapia não se colocam diante de uma escolha propriamente lógica, mas uma escolha existencial, também de certa forma, obrigatória tanto ao embasamento filosófico e à abordagem terapêutica formuladas por Frankl como a cada sujeito particular. Esta escolha é, em última análise, alheia a quaisquer demonstrações lógicas. Frankl (2022) opõe dois grandes polos de reflexão. É possível afirmar que, em última instância, tudo é desprovido de um sentido último - ao passo de um niilismo total. Por outro lado, há a possibilidade não só da afirmação deste mesmo sentido, mas também de sua afirmação universal, ao passo de ultrapassar a capacidade humana de compreensão, um suprassentido do mundo (FRANKL, 2022). É uma escolha existencial que tem seu sustento no horizonte vazio, o mais puro e simples crer.

Neste ponto, o conhecimento não tem mais utilidade e surge a fé: o que é in-compreensível ("un-wiss-bar") não precisa ser in-acreditável. De fato, é impossível descobrir apenas pelo intelecto se, em última análise, tudo é desprovido de sentido ou se existe um sentido encoberto por trás de tudo. Embora não haja resposta intelectual a essa pergunta, é possível assumir diante dela uma decisão existencial. Diante do fato de que é igualmente concebível que tudo tenha um sentido, e que tudo seja desprovido de sentido, ou seja, que os argumentos pró ou contra um último sentido se mantenham equilibrados nos pratos da balança, podemos jogar o peso do nosso próprio ser no prato a favor do sentido, decidindo-nos por uma das duas possibilidades de pensamento. (FRANKL, 2007, 107-108)

Este sentido derradeiro também é apontado por Ludwig Wittgenstein em diversos momentos, especialmente em seu *Tractatus Logicus Philosophicus*, bem como em outros escritos. "Existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico." (WITTGENSTEIN, 1968, 6.522, p.129).

De maneira particular, o jovem filósofo como que identifica a contemplação deste último sentido ao Divino (OLIVEIRA, 2009). A tendência de Wittgenstein é patente em seus Cadernos 1914-1916:

"Crer num Deus significa compreender a questão do sentido da vida. Crer num Deus significa perceber que ainda nem tudo está decidido com os factos do mundo. Crer em Deus significa perceber que a vida tem um sentido." (WITTGENSTEIN, 2004, p.110-111)

Retomando as ideias do autor, este sentido último permanece para além dos fatos. Os fatos devem ser superados pela intuição do sentido no tempo presente. Esta experiência permanece fora dos fatos, por consequência, fora do tempo, é uma experiência - consciência - atemporal.

Outro aspecto desta vivência de sentido é uma intuição de sentido que se dá pela consciência. Frankl (2011) considera que a consciência é órgão do sentido, que, sendo humana, é falível, mas capaz de direcionar o sujeito para o desvelamento de sentido a partir da realização dos valores, também realizando um discernimento entre estes mesmos valores sob uma hierarquia destes - valoração. No que se refere à Wittgenstein, a consciência se coloca como uma espécie de ciência sobre aquilo que é ético. A busca por aquilo que é bom, belo e feliz se dá por uma revelação da consciência do sujeito. Em seus *Cadernos 1914-1916* a consciência se identifica com a voz de Deus. Agir de acordo com a própria consciência é fazer a vontade de Deus, viver de acordo com a própria consciência aponta para uma vida bela, boa e feliz.

Numa simetria espantosa, a crítica leva Wittgenstein a arriscar a vida na guerra de maneira suicida. A elucidação ética é alcançada a partir da distinção entre o agir (que é fato do mundo) e o sentido do agir (que se mostra como limite do mundo). Embora o sentido do agir não esteja nele como fato do mundo, ele é o resíduo que se mostra como clarificação ética final. Ao fracasso ético da luta na guerra corresponde o sucesso ético no domínio da descoberta do mostrar místico. Arriscar a vida na guerra não constitui o sentido da vida, mas possibilita a conquista gradativa da experiência ética autêntica. (PINTO, 1998, p.354)

Desse modo, a fé em um sentido derradeiro de Wittgenstein se encontra com o Divino - ao cumprir a voz de Deus agindo conforme sua consciência. O agir se faz *mostrar* a partir de um encontro com o sentido. Assim, como destaca Oliveira (2009), o convívio com outros soldados, a limpeza do barco e a manipulação do farol eram cumpridos em temor a Deus e

desapego de si - marca da vivência cristã proposta por Tolstói, que influenciou fortemente o filósofo. Dessa forma, o agir cotidiano nas tarefas como soldado adquiriram um sentido absoluto, *sub specie aeterni*.

Neste ponto, em sua própria vida, Wittgenstein retoma o suprasentido afirmado por Frankl (2007) em seu cotidiano. O jovem soldado remete um sentido de eternidade nos pequenos e grandes afazeres de sua rotina enquanto soldado durante a primeira grande guerra.

Para além disso, a vida de Ludwig abre-se a um diálogo com a consideração de Frankl (2022) sobre a metafísica do cotidiano. Este conceito abordado pelo psiquiatra é apresentado como conclusão de um ciclo de conferências em 1946 para a Escola de Formação de Adultos do bairro operário de Ottakring. Ao final de sua palestra, Frankl (2022) reconhece ter chegado aos limites de seu discurso. "Aqui nenhum discurso e nenhuma conferência poderão nos ajudar - aqui só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano" (FRANKL, 2022, p.125).

É necessário desvelar no cotidiano o sentido da vida, tratar das verdadeiras questões existenciais que são tocadas na rotina de cada sujeito. Tomar consciência do encontro entre o finito e o infinito no cotidiano, compreendendo que aquilo que é realizado no momento presente não pode ser apagado da história. Em cada instante, sou responsável pela ocasião de realizar um sentido - seja no trabalho, no amor ou no sofrimento - e, do contrário, aquele momento particular se perde na eternidade, preservada na história particular de cada sujeito.

Esta consciência - metafísica do cotidiano - é também ampliada pela vivência de Ludwig Wittgenstein ao colocar este mesmo cotidiano não somente diante do passado, mas fora do tempo - atemporalidade - e na realização de um suprasentido, que na vivência do filósofo se dá sob uma ótica cristã.

4.3 O Suprasentido do cotidiano

É possível ousar afirmar que o diálogo entre Frankl e Wittgenstein escreve a proposição de um suprasentido do cotidiano ou, ao rigor dos termos do Tractatus, é possível considerar a vivência de um mostrar daquilo que é inefável ou místico no cotidiano a partir da vontade - tomada de posição diante do mundo (WITTGENSTEIN, 2004).

Sobre o sentido da vida em Wittgenstein, que se mostra sob os fatos do mundo, é necessário destacar sua proximidade com o conceito de suprasentido de Frankl (2006, 2007, 2022). Segundo Ludwig, o sentido da vida adjaz à realidade, que se permite mostrar sob diversos fatos, sem, contudo, identificar-se a nenhum destes. Assim, a contemplação do ético é acessível no mundo, inclusive, pelas vias do trabalho, do amor e do sofrimento consideradas

por Frankl (2012a, 2016). Para além disto, esta alteração dos limites do mundo deve transformar todo o mundo do sujeito, o mundo dos felizes é diverso do mundo dos infelizes (WITTGENSTEIN, 1968, § 6.43, p.127). Dessa forma, esta alteração dos limites do mundo em diálogo com o suprasentido frankliano exige que haja uma mudança interior com relação à realidade em um todo, uma afirmação cotidiana deste mesmo sentido.

Assim, este suprasentido do cotidiano se caracterizaria por um movimento da vontade sob a forma de uma afirmação cotidiana de um sentido derradeiro - ainda que inalcançável pelo intelecto - dos fatos do mundo, mesmo diante dos menores acontecimentos. Trata-se, mais uma vez, de uma decisão existencial do sujeito. Como consequência da afirmação deste sentido, é possível uma aceitação radical do mundo, aceitação dos fatos e do tempo presente como são apresentados ao sujeito, diante dos quais possui liberdade e responsabilidade por sua tomada de posição - interior e exterior - diante do que se lhe apresenta.

Sob este prisma, o mundo é algo que é dado ao sujeito, este, a partir de um exercício de uma tomada de decisão por um *suprasentido* diante do cotidiano, é capaz de tornar-se independente do mundo, renunciando a influência sobre os acontecimentos na medida em que sua vontade - "o acto da vontade não é a causa da ação, mas a própria acção" (WITTGENSTEIN, 2004, p.129) - não é capaz de direccionar os fatos do mundo. Não obstante, resta à vontade um agir interior sobre os limites do mundo a partir da crença em um suprasentido no momento em que o intelecto não é capaz de alcançar um sentido inteligível (FRANKL, 2007). Por outro ângulo, ao considerar a possibilidade de um agir interior sobre os fatos, que são dados ao sujeito no mundo, a crença em um suprasentido que adjaz o trivial - cotidiano - possibilita à pessoa uma contínua vivência do presente - atemporalidade - que se mostra no mundo no próprio agir externo do sujeito e que, ao mesmo tempo, avança para além dos fatos. Assim, a própria vontade - agir - diante do mundo se dá *sub specie aeterni*.

Para além dos limites da psicologia e da filosofia, Frankl (2007) propõe o diálogo entre o suprasentido e a experiência religiosa, bem como Wittgenstein (1968, 2004) identifica o sentido da vida com o místico, com o Divino. Esta identificação já se faz patente na vivência do filósofo da linguagem durante o período em que serviu em combate pelo exército da Áustria. No entanto, ao possibilitar este diálogo com a dimensão religiosa, há ainda uma expansão possível a este suprasentido do cotidiano .

Para tomar um exemplo da mística cristã, é possível estabelecer um diálogo com Santa Teresa de Lisieux ao propor a espiritualidade da pequena via em suas cartas e em sua autobiografia intitulada *História de uma Alma*. Segundo Teresa do Menino Jesus (2015), a pequena via se identifica com uma conformidade com a Providência Divina que tudo permite

para o bem particular de cada alma, e, a partir disso, perceber nas pequenas ocasiões do cotidiano ocasiões de encontrar-se com este bem que é acolhido a partir de uma vivência amorosa a Deus e aos outros. Assim, a pequena flor do carmelo era capaz de contemplar um sentido derradeiro em cada fato do mundo que lhe era apresentado.

Retornando para Wittgenstein e o diálogo de um suprasentido do cotidiano com a experiência religiosa, é visível a dinâmica não somente de se fazer independente dos fatos do mundo, mas compreender estes mesmos fatos como ocasião que aponta para o Divino. Frankl (2022), em seus relatos sobre os campos de concentração alemães, aponta para este suprasentido a partir de uma vivência religiosa dos prisioneiros dos campos nazistas como capaz não somente de se eternizar em um momento passado, mas que vislumbra um futuro para além da vida biológica, para além do mundo factível. Assim, a proposição e a vivência de um suprasentido do cotidiano é capaz de permear toda a realidade da vida humana, colocando-se paradoxalmente em todo o tempo - passado, presente e futuro - e fora deste mesmo tempo, dado que se propõe também como uma vivência de atemporalidade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final destas breves considerações, consideramos diversos pontos de diálogo entre a Psicoterapia de Frankl e a Filosofia de Wittgenstein. Ambos autores têm por uma de suas questões principais o sentido da vida e seu desvelar, em tal ponto que a alteração dos limites do mundo de Wittgenstein se identifica com a realização de sentido em Viktor Frankl. A experiência de sentido em ambos autores é posta como um posicionamento interior do sujeito ante dos fatos que lhes confere uma tensão. A partir desta tomada de posição do sujeito em sua liberdade e responsabilidade, os fatos adquirem um caráter transcendental, apontam para além de si mesmos.

Esta postura interior, sob ambas perspectivas, se coloca como uma resposta à problemática do sentido da vida e como um dever existencial. Wittgenstein (1968) afirma que os fatos do mundo fazem parte do problema, não da solução da problemática do sentido da vida. Frankl (2022) insiste que não cabe ao homem questionar à vida sobre seu sentido, ao contrário, a vida de cada sujeito lhe propõe esta questão, o ser humano é aquele que deve ser questionado sobre o sentido de sua vida.

Este questionamento se coloca também como missão existencial do ser humano, *Aufgabe* (PINTO, 1998). A missão existencial do ser humano, de certa maneira, é própria ao seu ser. O homem, conforme compreendido pela Análise Existencial, é portador de uma

vontade de sentido, por consequência, lhe é própria a busca e a realização de valores. A realização desta vontade de sentido é uma necessidade própria ao ser humano enquanto ser noético e autotranscendente, deve apontar para além de si próprio, seja por meio do trabalho, do amor ou ainda, do sofrimento.

Algo similar corre através dos contrassensos de Wittgenstein. O ser humano, dotado de vontade, é limite do mundo. Diante do conjunto dos fatos, o ser humano se encontra no limiar entre estes e a ética - inefável. Neste limiar, cabe ao sujeito, a partir de sua vontade, superar os fatos e, a partir destes, alcançar um esclarecimento ético, o sentido da vida. Nesta compreensão, a vontade humana se faz portadora do caráter transcendental na vida (WITTGENSTEIN, 2004).

Ademais, o filósofo e o psiquiatra compreendem que a realização do sentido da vida se dá em uma experiência *sub specie aeterni*. Neste ponto, existem compreensões diferentes, não obstante, complementares nas ideias de Frankl e Wittgenstein.

Segundo a terceira escola psicoterapêutica de Viena, esta vivência de eternidade se propõe sob a consciência de um aspecto inalterável daquilo que é realizado no presente. Assim, o passado se torna um celeiro das realizações ou frustrações de uma vontade de sentido diante do qual não existe a possibilidade de retratação. Esta consciência dos sentidos que se perdem ou se recuperam eternamente no passado aponta para uma tomada de responsabilidade radical no tempo presente, enfim, uma metafísica do cotidiano. (FRANKL, 2022)

Diante de uma percepção de sentido como uma vivência *sub specie aeterni*, o pensamento do filósofo da linguagem aponta, consoante as ideias de Frankl, para o tempo presente. Segundo Wittgenstein, a vivência do inefável aponta para fora do tempo - pois aponta para além dos fatos - no mesmo momento em que leva aquele que contempla o sentido da vida a permanecer no tempo presente. Pois aquele que vive eternamente, vive o momento presente, o sujeito deve estar inteiro neste único e contínuo instante (WITTGENSTEIN, 2004).

Por fim, os autores em uníssono afirmam, em seus próprios termos, um suprassentido do mundo. Este, porém, extrapola os limites razoáveis do intelecto e se encaminha para uma decisão existencial. Esta decisão interior traz consigo um aspecto criativo (FRANKL, 2007, 2022) ao mesmo tempo que possibilita uma mudança do sujeito que dirige sua vontade para os fatos, alterando os limites do mundo (WITTGENSTEIN, 1968). A proposta da Análise Existencial e a Filosofia do homem com os evangelhos, postas em diálogo, levam inevitavelmente a conclusão de um suprassentido do cotidiano, uma contínuo exercício da

contemplação deste sentido derradeiro no trivial da existência humana. Este desvelamento cotidiano de um sentido último no cotidiano abre-se também a um diálogo religioso, constatado tanto por Frankl, como vivenciado na própria biografia de Wittgenstein.

6 REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e Castigo**. 7ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Tradução: Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de Sentido**. 23ª. ed. Tradução: Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 22ª. ed. Tradução: Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold.. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de Sentido**. Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Compêndio de Logoterapia e Análise Existencial** (1959). In: FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012a. p. 55-193.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicologia e Psiquiatria do Campo de Concentração** (1961). In: FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012b. p. 193-227.

FRANKL, Viktor Emil. **Sobre o apoio medicamentoso da psicoterapia em caso de neuroses (1939)**. In: FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012c. p. 43-54.

FRANKL, Viktor Emil. **O homem na busca por um sentido derradeiro**. In: FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012d. p. 279-302.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. 1ª. ed. Tradução: Karleno Bocarro. São Paulo: Editora Sinodal, 2015.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. 6ª. ed. Tradução: Alípio Maia de Castro. São Paulo: Editora Quadrante, 2016.

FRANKL, Viktor Emil. **Sobre o sentido da vida**. 1ª. ed. Tradução: Vilmar Schneider. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

JANIK, Allan.; TOULMIN, Stephen. **La Viena de Wittgenstein**. Madrid: Taurus, 1998.

JESUS, Santa Teresa do Menino. **História de uma alma**. 19ª ed. Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 2015.

MINKOWSKI, Eugène. Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 156-164, dez. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142000004012>.

MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. Tradução: Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Adriano José de. **A Sublimidade do Inefável: o místico no tractatus logico-philosophicus de Ludwig Wittgenstein de**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/09/Adriano.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao Silêncio: Análise do "Tractatus" de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

RODRIGUES, Larissa Assunção; BARROS, Lúcio Alves de. Sobre o Fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição para a psicologia. **Estudos – Vida e Saúde**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 11-31, jan. 2009. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/1016>.

SPICA, Marciano Adilio. Observações sobre Deus e Ética em Wittgenstein. **Ehtic@**, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 119-131, set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2010v9n3p119/21776>. Acesso em: 19 abr. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cadernos 1914 - 1916**. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: José Arthur Giannotti. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Conferência sobre Ética**. In.: DALL'AGNOL, D. **Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein**. 2ª ed. Florianópolis - São Leopoldo: Editora da UNISINOS e Editora da UFSC, 1995.